

CENTRO ESPÍRITA ANTÔNIO DE AQUINO - RIO DAS OSTRAS



NASCER, RENASCER: PROGREDIR!

41º Encontro Espírita sobre *O Livro dos Espíritos*

Tema central:
*Considerações sobre
A Pluralidade das
Existências*



Segunda parte:
Mundo Espírita ou dos Espíritos;
Capítulo V; Questão 222.

02, 03 e 04 de Março de 2025

41º Encontro Espírita sobre *O Livro dos Espíritos*
NASCER, RENASCER: PROGREDIR!

*Material elaborado e cedido pelo Centro Espírita Léon Denis do Rio de Janeiro/RJ
e adaptado pelo Centro Espírita Antônio de Aquino de Rio das Ostras/RJ.*

Tema central:

Considerações sobre A Pluralidade das Existências

Coordenação Geral - CELD/RJ:

Deuza Maria Nogueira

Coordenação Geral - CEAA/RO:

Eduardo Terra, Alba Terra, Ericka Koebcke e Teresa de Souza

Coordenação do Encontro - CEAA/RO:

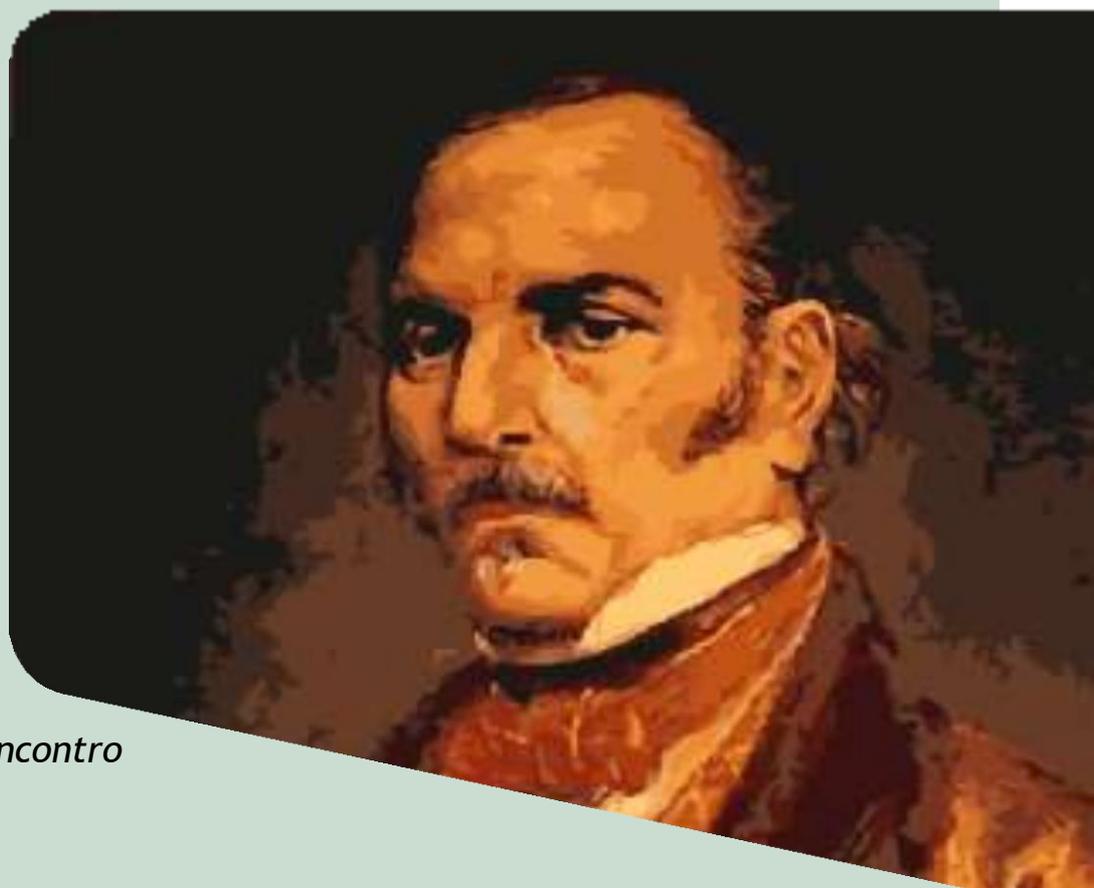
Alba Terra, Ericka Koebcke e Teresa de Souza

Organização do Conteúdo:

Equipe de Estudo do Encontro

Diagramação e Finalização:

Setor Editorial do CELD



Allan Kardec

Patrono Espiritual do Encontro

SUMÁRIO



CI's do 41° EELE	4
Oficinas	5
Objetivos do 41° EELE	6
Introdução	7
Bloco de Estudos 1	8
Bloco de Estudos 2	20
Bloco de Estudos 3	27
Bloco de Estudos 4	39
Conclusão	50
Anexo 1	51
Anexo 2	52
Anexo 3	53
Anexo 4	55
Anexo 5	58
Anexo 6	59
Anexo 7	61
Anexo 8	64
Referências	78
Mensagem do Plano Espiritual	79

PROGRAMAÇÃO

Horário/Dia	02, 03 e 04 Mar 2025
09:00 às 09:20	Abertura
09:20 às 11:20	Estudo
11:20 às 11:50	Intervalo
11:50 às 12:40	Estudo
12:40 às 13:00	Encerramento

CENTROS DE INTERESSE DO 41° EELE

**CI 1 - BLOCO DE ESTUDOS 1
O DOGMA DA PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS**

**CI 2 - BLOCO DE ESTUDOS 2
DEVO E NÃO NEGO!
PAGO QUANDO PUDER, OU QUANDO QUISER!**

**CI 3 - BLOCO DE ESTUDOS 2
O QUE VIM FAZER AQUI?**

**CI 4 - BLOCO DE ESTUDOS 3
ONDE ESTÁ DEUS NESSE CAOS QUE ESTAMOS
VIVENDO?**

**CI 5 - BLOCO DE ESTUDOS 3
O QUE ESTOU FAZENDO COM A MINHA
REENCARNAÇÃO?**

**CI 6 - BLOCO DE ESTUDOS 3
QUEM É O RESPONSÁVEL PELAS MINHAS
DIFICULDADES?**

**CI 7 - BLOCO DE ESTUDOS 3
CAMINHOS DA VIDA - OPORTUNIDADES INFINITAS**

**CI 8 - BLOCO DE ESTUDOS 4
A REENCARNAÇÃO NA BÍBLIA**



OFICINAS

1 REENCARNAÇÃO E EVOLUÇÃO MORAL

Vamos refletir, através do exemplo de nossos irmãos, que a Lei é de Progresso e que somente por meio da reencarnação isso é possível; confirmando assim a Bondade e a Misericórdia de Deus!

2 A REENCARNAÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA

Vamos perceber, através de uma viagem no tempo, que desde as antigas civilizações a ideia da reencarnação se fazia presente.

3 O SÉCULO EM QUE KARDEC VIVEU

Passeando pelo passado, vamos descobrir o que se pensava antes de o mundo saber que a vida não termina com a morte, e ver como tudo começou a mudar com ciência e doutrina conversando.

Mas será mesmo que nunca antes se cogitou existir um retorno?

A reencarnação e a evolução, explicadas e exemplificadas pelo Codificador.

4 JESUS NO MONTE TABOR

Passagem do Evangelho em que Jesus conversa com os discípulos sobre a reencarnação.

OBJETIVOS DO 41º EELE

GERAL

Compreender que a Doutrina Espírita não criou o conceito da reencarnação, e sim o esclareceu de acordo com a lógica da Justiça e Bondade de Deus.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DOS BLOCOS DE ESTUDOS

BLOCO DE ESTUDOS

1 *A ideia da reencarnação através dos tempos*

Compreender o entendimento sobre a reencarnação ao longo da história da humanidade.

BLOCO DE ESTUDOS

2 *Reencarnação: prova do amor de Deus*

Apresentar a ideia da reencarnação, na visão espírita, como Providência Divina para o progresso do Espírito imortal;

Perceber que a Lei de Deus possibilita a quitação gradativa de débitos, através dos nossos esforços e melhores escolhas.

BLOCO DE ESTUDOS

3 *Quem sou, quem fui e quem serei?*

Entender que a reencarnação é um dos mecanismos da Justiça e Bondade de Deus;

Perceber que as consequências positivas ou negativas, em nossa reencarnação, são frutos da existência atual ou das anteriores.

BLOCO DE ESTUDOS

4 *Os ensinamentos de Jesus sobre a Reencarnação*

Identificar a comprovação da reencarnação através da ciência espírita e da fé raciocinada.



INTRODUÇÃO

Irmãos,
Ao longo de 3 anos , no período de Carnaval, nosso EELE estudou o Capítulo IV - Segunda Parte de *O Livro dos Espíritos*.

Em 2022:

- 1- A Reencarnação
- 2- Justiça da Reencarnação
- 3- Encarnação em Diferentes Mundos
- 4- Transmigração Progressiva

Em 2023:

- 5- Sorte das Crianças após a Morte
- 6- Sexos nos Espíritos

Em 2024:

- 7- Parentesco, Filiação
- 8- Semelhanças Físicas e Morais
- 9- Ideias Inatas

Em todos esses estudos procuramos, através da fundamentação teórica trazida pelos Espíritos, ver os aspectos comportamentais que nos ajudariam a uma vivência afetiva e efetiva deste presente de Deus a nossas vidas: a Terceira Revelação, consolidada na Doutrina Espírita.

Neste ano, é a voz, genialidade e fidelidade a missão de nosso Codificador, Allan Kardec, que será o tema de estudo do 41ºEELE.

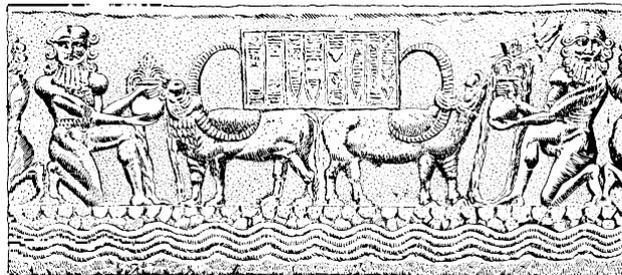
Vamos trabalhar nos três dias de Encontro as Ideias Básicas do Capítulo V, em que Kardec faz brilhantes CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS.

Esperamos que os momentos de estudo sejam realmente de encontro e reflexões profundas acerca do valor e sentido da vida, assim como gratidão profunda ao Amor de Deus pela generosidade da Lei da Reencarnação.

Excelente encontro, amigos!

A Coordenação

BLOCO DE ESTUDOS 1

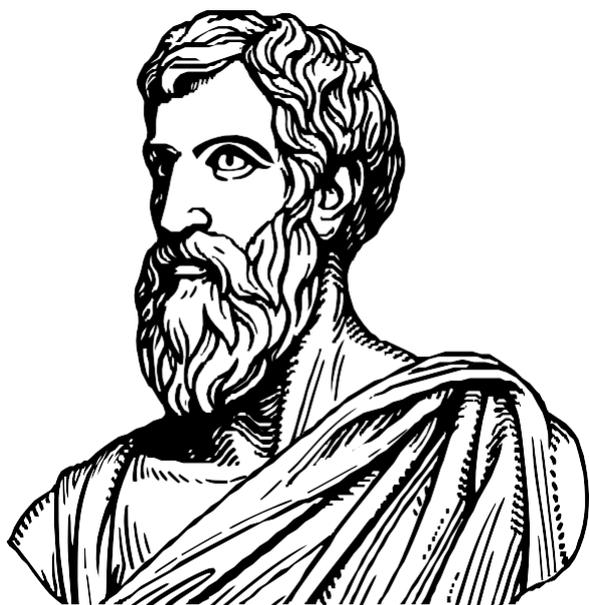


A IDEIA DA REENCARNAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS

1°, 2° e 3° parágrafos da questão 222 de *O Livro dos Espíritos*

Objetivo:

Compreender o entendimento sobre a reencarnação ao longo da história da humanidade.



“O dogma da reencarnação, dizem algumas pessoas, não é novo; foi ressuscitado de Pitágoras. Nunca dissemos ser a Doutrina Espírita uma invenção moderna; sendo o Espiritismo uma lei da Natureza, deve ter existido, desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos para provar que se encontram vestígios dele, na mais remota antiguidade.

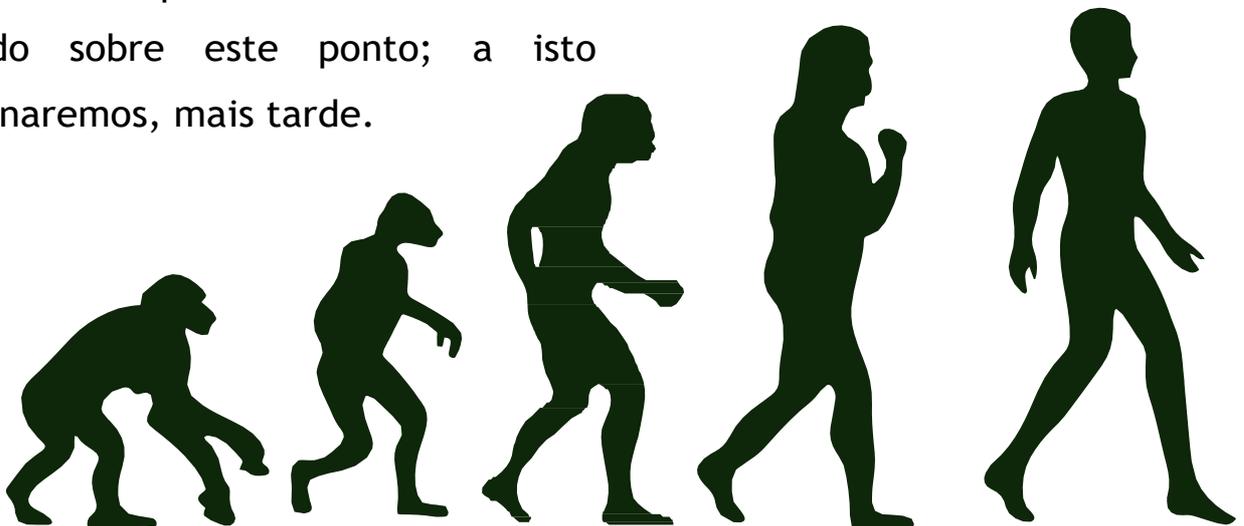
Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o hauriu dos filósofos indianos e dos egípcios, para os quais ela existia desde tempos imemoriais. A ideia da transmigração das almas era, portanto, uma crença comum, admitida pelos homens mais eminentes. Como é que ela chegou até eles? Pela revelação ou pela intuição? Não o sabemos; porém, seja como for, uma ideia não atravessa as idades e não é aceita pelas inteligências de elite, sem possuir um lado sério. A antiguidade desta doutrina seria, portanto, muito mais uma prova do que uma objeção. Todavia, como igualmente se sabe, há, entre a metempsicose dos antigos e a doutrina moderna da reencarnação, a grande diferença de que os espíritos rejeitam, da maneira mais absoluta, a transmigração do homem para os animais e reciprocamente.

Os espíritos, ao ensinarem o dogma da pluralidade das existências corporais, renovam, portanto, uma doutrina que nasceu nas primeiras idades do mundo e que se conservou, até os nossos dias, no pensamento íntimo de muitas pessoas; eles apenas a apresentam sob um ponto de vista mais racional, mais conforme às leis progressivas da Natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, despojando-a de todos os acessórios da superstição. Uma circunstância digna de nota é que não é unicamente neste livro que eles a têm ensinado, nestes últimos tempos: desde antes de sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza foram obtidas, em diversas regiões e depois, multiplicaram-se, consideravelmente. Talvez fosse aqui o caso de examinar por que os espíritos não parecem estar todos de acordo sobre este ponto; a isto retornaremos, mais tarde.

Examinemos a coisa, sob um outro ponto de vista, abstraindo de qualquer intervenção dos espíritos; deixemo-los de lado, por um instante; suponhamos que esta teoria nada tenha a ver com eles; suponhamos, até, que nunca se tenha cogitado de espíritos. Coloquemo-nos, portanto, momentaneamente, num terreno neutro, admitindo no mesmo grau de probabilidade uma e outra hipótese, a saber: a pluralidade e a unidade das existências corporais e vejamos para que lado nos conduzirão a razão e nosso próprio interesse.”



1º, 2º e 3º parágrafos da questão
222 de *O Livro dos Espíritos*.



ENTENDENDO O DOGMA!

Ao iniciar suas considerações sobre a Pluralidade das Existências, Allan Kardec traz a expressão dogma da reencarnação, se referindo a uma ideia de vidas sucessivas que já existia nas antigas civilizações. O 38º Encontro Espírita sobre *O Livro dos Espíritos* apresentou este entendimento à luz da Doutrina Espírita.

Através da explicação de J. Herculano Pires, é possível entender a ideia da palavra dogma utilizada por Kardec.

"A palavra dogma é grega e seu sentido original é opinião. Adquiriu em filosofia e religião o sentido de princípio doutrinário. Entre o dogma religioso e o filosófico há uma diferença fundamental. O dogma religioso é de fé, princípio de fé que não pode ser contraditado, pois provém da revelação de Deus. O dogma filosófico é racional, dogma de razão, ou seja, princípio de uma doutrina racionalmente estruturada (...)."

Livro: Cap. 3 - J.
"Agonia Herculano
das Pires
Religiões" (grifo nosso)

Palhano Junior, no Dicionário de Filosofia Espírita, também nos ajuda a concluir que:

"Segundo o Aurélio, dogma é um ponto fundamental e indiscutível duma doutrina religiosa, e, por extensão, de qualquer doutrina ou sistema. Sob esse significado o Espiritismo não tem dogmas, pois todos os seus postulados são passíveis de serem discutidos e analisados, mediante a luz que a ciência possa lançar sobre eles(...). O leitor poderá ainda conferir, na questão 222, que Kardec está sempre se referindo ao dogma da reencarnação já existente em outras doutrinas e trata o assunto como uma Lei Universal - a Lei da Reencarnação."

Desta forma, Kardec apresenta uma série de informações que demonstram o quanto a ideia da reencarnação é antiga e como, ao longo dos tempos, os conceitos da reencarnação foram deturpados, estimulando o materialismo que gera como consequência ideias como o positivismo (Anexo 3).

A IDEIA DA REENCARNAÇÃO NAS MAIS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES

A Índia é uma das mais remotas civilizações que se conhece. Tendo como base religiosa o Hinduísmo, os Indianos possuíam diversas crenças, cultos e rituais. Uma dessas crenças era o Carma (ou Karma):

“No Hinduísmo se acredita que, depois da morte de um ser humano sua alma renasce num novo ser vivo. Pode renascer numa casta mais alta ou baixa, ou pode até mesmo passar a habitar um corpo de animal. De acordo com a visão hinduísta, todas as ações de uma vida determinarão os aspectos essenciais da vida seguinte. Por essa razão, as sucessivas vidas não correspondem à punição ou recompensa, mas simplesmente a uma ação da lei natural. O resultado disso é a não aceitação de uma Providência Divina, uma vez que para o hinduísta, a responsabilidade pela vida atual e pelas seguintes é exclusivamente individual.”

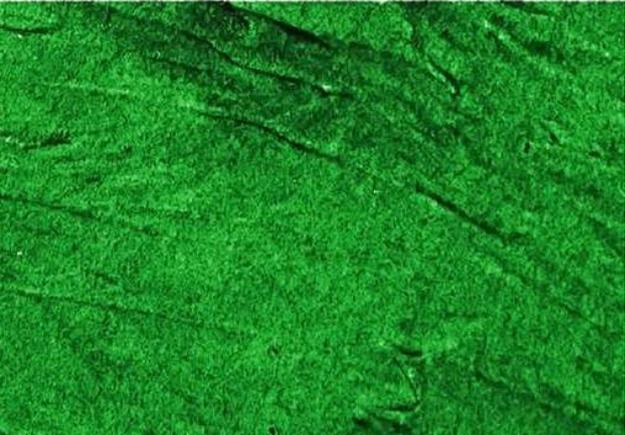


Apostila “História do Espiritismo”, cap. “As Raças Adâmicas: o Hinduísmo, os Árias e a Família indoeuropeia” - CELD.





VER ANEXO 1



Podemos perceber várias semelhanças desta crença com a ideia da reencarnação trazida pelos Espíritos, mas um detalhe se difere: a ideia da possibilidade de um ser humano poder habitar, após a morte, o corpo de um animal. Essa seria a chamada Metempsicose.

Através dos estudos da Doutrina Espírita, já podemos entender o conceito de princípio vital e a origem e a natureza dos Espíritos, como também a sua progressão na Escala Espírita. Ao progredir, os Espíritos adquirem conhecimentos que não podem ser perdidos. Sendo assim, não existe a possibilidade de retornar a carne como um animal, ou vegetal, como afirma a ideia da metempsicose.

“(…) A partir do momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser espírito e entrar no período de humanidade, ele não guarda mais relação com seu estado primitivo e não é a alma dos animais, assim como a árvore não é a semente. De animal, só há no homem o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode, portanto, dizer que tal homem é a encarnação do espírito de tal animal e, por conseguinte, a metempsicose, tal como a entendem, não é verdadeira.”

O Livro
dos
Espíritos
2ª parte

Cap. 11 -
Resposta
à questão

611

EGITO

Sabe-se que o Egito, é uma das civilizações mais conhecidas da Idade Antiga. Eles traziam conhecimentos muito avançados para a época, e a religião era um assunto ligado diretamente a todas as áreas de atuações desse povo. Dentre as várias crenças religiosas dos egípcios, destaca-se a seguir a mais relevante para esse estudo: a reencarnação.

“A crença na reencarnação, uma das bases da Doutrina Espírita, já existia entre os antigos egípcios, o que fica patente ao se ler este trecho do *Livro dos Mortos*, quando a alma apresentava-se diante de Osíris para ser julgada: “Eu sou ontem, hoje e amanhã. Tenho o poder de nascer uma segunda vez”. Um texto datado de 3000 a.C. diz: “antes de nascer, a criança já viveu e a morte não é o fim”. No papiro do escriba Anana (1320 a.C.) está: “Os homens não vivem somente uma vez (...), eles vivem numerosas vezes e em numerosos lugares, embora não seja sempre neste mundo”.

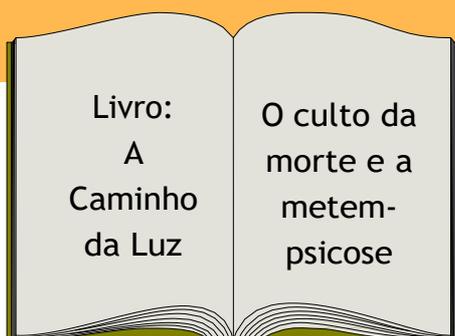


Livro “A História à Luz do Espiritismo”, cap. “Um Rio, um Povo, um Rei-Deus: O Egito” - Sônia Campos e Graça Palha.

Apesar de tomarem a ideia da reencarnação como verdade, com o passar do tempo o sentido religioso do povo egípcio foi alterado, assim como os hindus também enveredaram na crença da metempsicose (Anexo 1), como sinaliza Emmanuel no livro: *A Caminho da Luz - O culto da morte e a metempsicose*:

“(...) O grande povo dos faraós guardava a reminiscência do seu doloroso degedo na face obscura do mundo terreno. E tanto lhe doía semelhante humilhação, que, na lembrança do pretérito, criou a teoria da metempsicose, acreditando que a alma de um homem podia regressar ao corpo de um irracional, por determinação punitiva dos deuses. A metempsicose era o fruto da sua amarga impressão, a respeito do exílio penoso que lhe fora infligido no ambiente terrestre. Inventou-se, desse modo, uma série de rituais e cerimônias para solenizar o regresso dos seus irmãos à pátria espiritual. (...)”

Com essa revelação de Emmanuel, entende-se como surgiu a ideia da metempsicose, que contribuiu para a superstição e o misticismo passarem a fazer parte do sistema de crença de alguns povos.



PÉRSIA E GRÉCIA



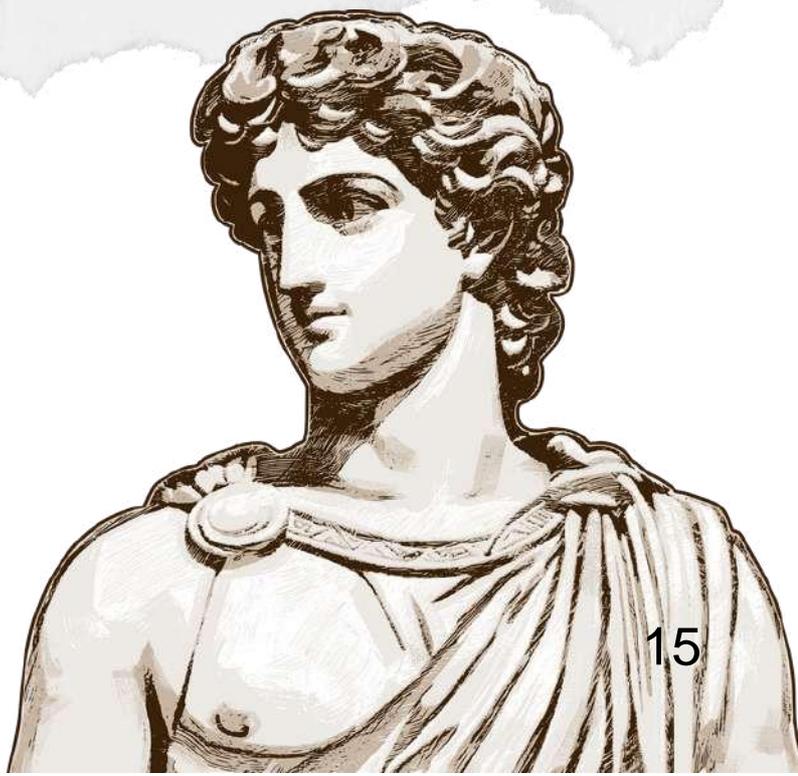
A pluralidade das existências é um conceito presente em diversas religiões da civilização antiga. Zoroastro, profeta da Pérsia, que a maioria dos estudiosos acredita ter vivido entre 1.500 e 1000 a.C., fundou o Zoroastrismo, que pregava a crença na imortalidade da alma e na reencarnação. Influenciou diversas religiões posteriores como o judaísmo e o cristianismo.

Pitágoras foi um filósofo grego, pré-socrático, iniciado nos templos egípcios, que ficou conhecido por desenvolver conhecimentos de filosofia, astronomia, geometria e música. Trouxe para a Grécia novas ideias desenvolvendo um sistema de educação e reformas; além de uma doutrina própria, o pitagorismo, conquistando, desta forma, seguidores fiéis.

No pitagorismo, o filósofo já falava da ideia de existências múltiplas. No livro “A Reencarnação”, capítulo “A Pérsia e a Grécia”, Gabriel Delanne explica como isso era compartilhado:

“Pitágoras foi o primeiro que introduziu na Grécia a doutrina dos renascimentos da alma, doutrina que havia conhecido em suas viagens ao Egito e à Pérsia. Ele tinha duas doutrinas, uma reservada aos iniciados, que frequentavam os Mistérios, e outra destinada ao povo; esta última deu nascimento ao erro da metempsicose.

Para os iniciados, a ascensão era gradual e progressiva, sem regressão às formas inferiores, enquanto que ao povo envolvido, ensinava-se que as almas ruins deviam renascer em corpos de animais. (...)”



HEBREUS



O povo hebreu não acreditava na reencarnação, mas em algumas correntes do judaísmo ela faz parte de sua crença, como vemos na cabala judaica fazendo parte assim da vida do povo judeu.

Percebemos então, que as antigas civilizações já traziam o vestígio da necessidade de renascer para progredir.

Com a vinda de Jesus, vemos esta crença ser reforçada na fala do Cristo: “Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo” (João 3:3); e assim como quando nos diz ser João Batista a reencarnação de Elias: “E se vós o quereis compreender, ele mesmo é o Elias que há de vir. O que tem ouvidos para ouvir ouça” (Mateus 11-14).

Na considerada Idade Média pelos historiadores, no Concílio de Constantinopla, a reencarnação foi retirada do cristianismo pelo imperador Justiniano.

A RAZÃO CONDUZ AO ENTENDIMENTO DA REENCARNAÇÃO

Todo histórico apresentado anteriormente permite compreender que alguns entendimentos foram surgindo sobre a reencarnação. Temos então a ideia da metempsicose que nasceu a partir das opiniões dos povos antigos, no entanto, como vimos, o uso da razão permite inferir que se trata de uma ideia sem sentido, assim como os espíritos afirmam na questão 612 de *O Livro dos Espíritos*: “Isto seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não retorna à sua nascente”.

Léon Denis, no livro *O Problema do Ser e do Destino*, contribui com este entendimento:

“(...) Mas, talvez, espírito e matéria sejam apenas palavras, que exprime, de modo imperfeito, as duas formas da vida eterna, que dorme na matéria bruta, desperta na matéria orgânica, se ativa, desabrocha, e se eleva no espírito.”

Assim, como vimos acima, isto seria um retrocesso, pois já aprendemos o que precisávamos nos reinos pelos quais já passamos enquanto princípio inteligente.

O 1º parágrafo da questão 222 esclarece que os homens mais eminentes da época admitiam essa ideia da transmigração das almas, sendo uma crença comum entre os povos da antiguidade. Não se pode precisar como essa ideia chegou até esses povos, se por intuição ou revelação. Ainda assim, uma ideia só é aceita por inteligências de elite e atravessa as idades e os tempos se possuir um lado sério. Logo, a antiguidade da ideia da reencarnação é um fato lógico.



O Livro “A Gênese”, de Allan Kardec mostra que:

“A ideia da perpetuidade do ser espiritual é inata no homem; ela existe dentro dele sob a forma de intuição e de aspiração. (...)”



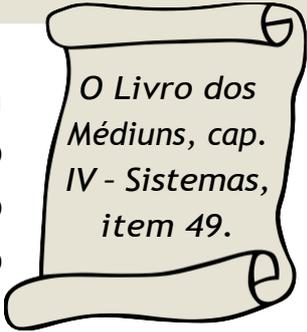
A Gênese, Cap. XI, item 4, nota de rodapé; Allan Kardec.

Vê-se, portanto, que a imortalidade da alma já é uma ideia inata existente em nós. Isso explica a existência da crença espiritual em todos os povos do globo terrestre ao longo dos tempos. O que difere essas crenças umas das outras são as interpretações e escolhas pessoais de cada um e com a pesquisa e o estudo é possível perceber similaridades entre elas ao abordarem assuntos como a imortalidade da alma e a pluralidade das existências.

Kardec, no 2º parágrafo da questão 222, afirma que, ao ensinarem o dogma da reencarnação, os espíritos renovam esta doutrina antiga que ainda era aceita por muitas pessoas de sua época.

Ele ainda diz que, antes mesmo da publicação de *O Livro dos Espíritos*, diversas comunicações sobre o assunto foram recebidas do plano espiritual em várias regiões, aumentando cada vez mais, a frequência de mensagens com essa ideia, mesmo não sendo uma concepção absoluta entre os Espíritos. Afinal, *“Os Espíritos não são seres à parte, na criação; são as almas daqueles que viveram na Terra, ou em outros mundos, (...)”*.

Por isso não deixam de acreditar naquilo que tinham como verdadeiro enquanto encarnados, como



O Livro dos Médiuns, cap. IV - Sistemas, item 49.

por exemplo na instrução trazida pelo Espírito Henri Heine em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 20, item 3, quando nos diz: *“A reencarnação esse belo dogma eterniza e determina a filiação espiritual”*.

Em *O Livro dos Médiuns*, capítulo 27, Kardec sinaliza sobre contradições e mistificações: *“As contradições de origem Espírita só não possuem outra causa, senão a diversidade de inteligência, os conhecimentos, o discernimento e moralidade de alguns Espíritos, que ainda não estão aptos para tudo conhecer e tudo compreender”*.

“Existe, com efeito, divergência assaz sensível sobre este ponto, entre os espíritos que se manifestam nas diferentes partes do mundo. Os seres desencarnados dos países latinos ensinam, quase unanimemente, as vidas sucessivas; graças a eles adotou Allan Kardec esta teoria, à qual se opunha anteriormente. Nos países saxônicos, pelo contrário, a maioria dos Espíritos rejeita esta hipótese. Não nos espantemos com esse desacordo, porque assim no espaço que na Terra, as opiniões sobre as grandes Leis da Natureza estão divididas, e entre os Espíritos, como entre nós, não são os mais instruídos, ou os mais evolvidos, os que acabam por demonstrar o bom fundamento de suas ideias.”



“A Reencarnação”, Introdução - Gabriel Delanne.



Mais adiante, no 3º parágrafo da questão 222, Kardec nos convida a seguinte reflexão: deixarmos de lado qualquer intervenção dos Espíritos, nos colocarmos num terreno neutro, admitir a pluralidade das existências e ver para que lado a razão nos levará.

A partir dessa afirmação, podemos refletir que a ideia da pluralidade das existências faz mais sentido do que a da unidade das existências.

No decorrer dos estudos da questão 222, entenderemos melhor no que se baseia a razão da Pluralidade das Existências e no que isso nos interessa como Espíritos imortais.

VER TAMBÉM:

- Depois da Morte - 1ª parte - Capítulos: I ao VIII, Léon Denis;
- A Caminho da Luz, Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Emmanuel;
- O Livro dos Espíritos - 2ª parte - Capítulo XI - Metempsicose, Allan Kardec;
- A Gênese - Capítulo XI, Allan Kardec;
- O Problema do Ser e do Destino - 2ª Parte - Capítulos XIII e 1XIV, Léon Denis;
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo XX, item 3;
- O Livro dos Médiuns - Capítulo IV - Sistemas e XXVII Contradições e mistificações.

BLOCO DE ESTUDOS 2

REENCARNAÇÃO: PROVA DO AMOR DE DEUS



Objetivos:

Apresentar a ideia da reencarnação, na visão espírita, como Providência Divina para o progresso do Espírito imortal;

Perceber que a Lei de Deus possibilita a quitação gradativa de débitos, através dos nossos esforços e melhores escolhas.

4° e 5°

Parágrafos da questão 222
de *O Livro dos Espíritos*



“Algumas pessoas rejeitam a ideia da reencarnação, só pelo motivo de ela não lhes convir, dizendo que já estão bem fartas de uma existência e que não desejariam recomeçar uma outra semelhante; conhecemos algumas que, à simples ideia de reaparecer, na Terra, explodem de fúria. Temos apenas uma coisa a lhes perguntar: se elas pensam que Deus deveria ter pedido sua opinião e consultado seus gostos para regular o Universo. Ora, de duas uma: ou a reencarnação existe, ou não existe; se existe, não adianta serem contrárias a ela, ser-lhes-á preciso se lhe submeterem; Deus não lhes pedirá a permissão para isso. Parece-nos ouvir um doente dizer: Sofri bastante hoje, não quero mais sofrer amanhã.

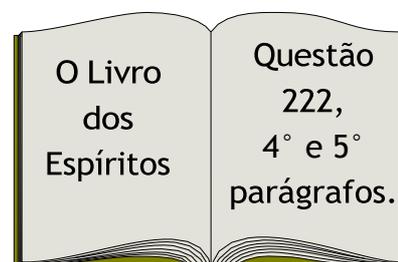
Apesar do seu mau humor, não poderá sofrer menos no dia seguinte, nem nos dias subsequentes, até que esteja curado; portanto, se eles devem reviver corporalmente, reviverão; eles reencarnarão; não adiantará se revoltarem, como uma criança que não quer ir à escola, ou um condenado, para a prisão; será preciso passarem por isso. Semelhantes objeções são muito pueris para merecer um exame mais sério. Todavia, nós lhes diremos, para tranquilizá-los, que a Doutrina Espírita, no tocante à reencarnação, não é tão terrível como eles o acreditam e que, se a tivessem estudado a fundo, não estariam tão apavorados; saberiam que a condição dessa nova existência depende deles: ela será feliz ou infeliz, conforme o que tiverem feito neste mundo, e eles podem, desde esta vida, elevar-se tão alto, que não terão mais que temer cair, novamente, no lodaçal.”

VER ANEXO 2



“Supomos que nos dirigimos a pessoas que acreditam num outro qualquer, depois da morte, e não àqueles que se dão como perspectiva o nada, ou que desejam afogar sua alma num todo universal, sem individualidade, como as gotas de chuva no oceano, o que dá quase no mesmo. Se, portanto, acreditais num futuro qualquer, não admitis, certamente, que ele seja o mesmo para todos, de outro modo, onde estaria a utilidade do bem? Por que constranger-se? Por que não satisfazer todas as suas paixões, todos os seus desejos, mesmo que fosse às custas de outrem, visto que não ficaria melhor nem pior por isso? Credes que esse futuro será mais ou menos feliz ou desgraçado, conforme o que tivermos feito durante a vida; e então, tendes o desejo de aí serdes tão feliz quanto possível, visto que isto deve ser pela eternidade? Teríeis, por acaso, a pretensão de ser um dos homens mais perfeitos que tenham existido na Terra e de ter, assim, de repente, direito à felicidade suprema dos eleitos? Não. Admitis, então, que há homens que valem mais do que vós e que têm direito a um lugar melhor, sem que por isso estejais entre os excluídos. Pois bem! Colocai-vos um instante, pelo pensamento, nessa situação intermediária que será a vossa,

como acabais de convir e suponhais que alguém venha vos dizer: Sofreis, não sois tão felizes quanto poderíeis ser, ao passo que tendes diante de vós seres que gozam de uma felicidade sem mescla; quereis trocar vossa posição com a deles? – Sem dúvida, diríeis; o que é preciso fazer? – Quase nada; recomeçar o que fizeste mal feito e tentar fazer melhor. – Hesitaríeis em aceitar, mesmo que fosse ao preço de várias existências de provação? Façamos uma comparação mais prosaica. Se, a um homem que, sem estar na extrema miséria, experimenta, entretanto, privações, em consequência da escassez de recursos, viessem dizer: Eis aqui uma imensa fortuna, podeis dela gozar, é preciso, para isso, trabalhar, arduamente, durante um minuto. Mesmo que fosse o mais preguiçoso da Terra, diria sem hesitar: Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso; que importância tem isso, se eu terminar minha vida na abundância? Ora, o que é a duração da vida corporal, com relação à eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.”





Vivemos em busca da felicidade, que em muitas circunstâncias é confundida com facilidade. No entendimento doutrinário a felicidade está relacionada ao nosso ajuste à Lei de Deus.

614. O que se deve entender por lei natural?

“A lei natural é a lei de Deus; é a única verdadeira para a felicidade do homem; indica-lhe o que deve fazer ou não fazer e ele só é infeliz, porque dela se afasta.”



O Livro dos Espíritos, questão 614, Allan Kardec.



Ora, esta adequação não é fácil, requer entendimento ampliado do sentido da vida.

132. Qual é o objetivo da encarnação dos espíritos?

“Deus impõe-lhes a encarnação com o objetivo de fazê-los chegar à perfeição: para uns, é uma expiação; para outros, é uma missão. Porém, para chegar a essa perfeição, devem suportar todas as vicissitudes da existência corporal: nisto é que está a expiação. A encarnação tem também um outro objetivo, que é o de colocar o espírito em condições de suportar sua parte na obra da criação; é para executá-la que, em cada mundo, ele toma um instrumento em harmonia com a matéria essencial desse mundo para aí executar, daquele ponto de vista, as ordens de Deus; de tal forma que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.”



O Livro dos Espíritos, questão 132, Allan Kardec.



Daí, vemos exemplos de pessoas que amputam um membro com o objetivo de mais servir, como Vicente Moretti.



Vicente Moretti foi um destacado líder espírita no Rio de Janeiro, conhecido por seu trabalho assistencial e espiritual. Ele presidiu o Grêmio Espírita Luz e Amor, localizado no bairro de Bangu, onde acolheu Aurino Costa, que mais tarde fundaria a Ação Cristã Vicente Moretti (ACVM) em sua homenagem.

Aurino Costa, nascido em 1914, enfrentou uma doença degenerativa que o deixou permanentemente na posição horizontal. Apesar das limitações, dedicou-se ao estudo e ao Espiritismo. Com o agravamento de sua condição, foi aconselhado a amputar as pernas para melhorar sua respiração e mobilidade. Após a cirurgia em 1967, tornou-se mais ativo e fundou a ACVM, uma instituição dedicada ao amparo de pessoas com deficiência.

A ACVM, localizada na Rua Maravilha, 308, em Bangu, continua seu trabalho filantrópico, oferecendo abrigo e assistência a pessoas com deficiência no Rio de Janeiro.

As situações que ocorreram no Sul do Brasil (enchentes) em 2024 podem ser vistas como prova, expiação, reparação ou até mesmo missão, dependendo do modo como o Espírito as enfrenta. Sentirá-se feliz ou infeliz conforme reaja diante dos desafios: com revolta ou com resignação.

A beleza da reencarnação está em se ter a possibilidade de crescer e auxiliar o crescimento do próximo e do meio social em que se vive.

Temos o exemplo de pessoas cadeirantes, palestrantes motivacionais, corredores, demonstrando força e resignação diante de seus enfrentamentos.

A experiência de um corpo debilitado e/ou de uma família difícil, existe de acordo com aquilo que será importante ao progresso do Espírito.

Existem neste aspecto duas situações:

- ♦ Desperdício da vida material (ligado a ociosidade);
- ♦ Aproveitamento “até a última gota” dos recursos oferecidos pelo corpo físico e pela atual existência (completistas, segundo André Luiz, no livro *O Mundo Maior*)

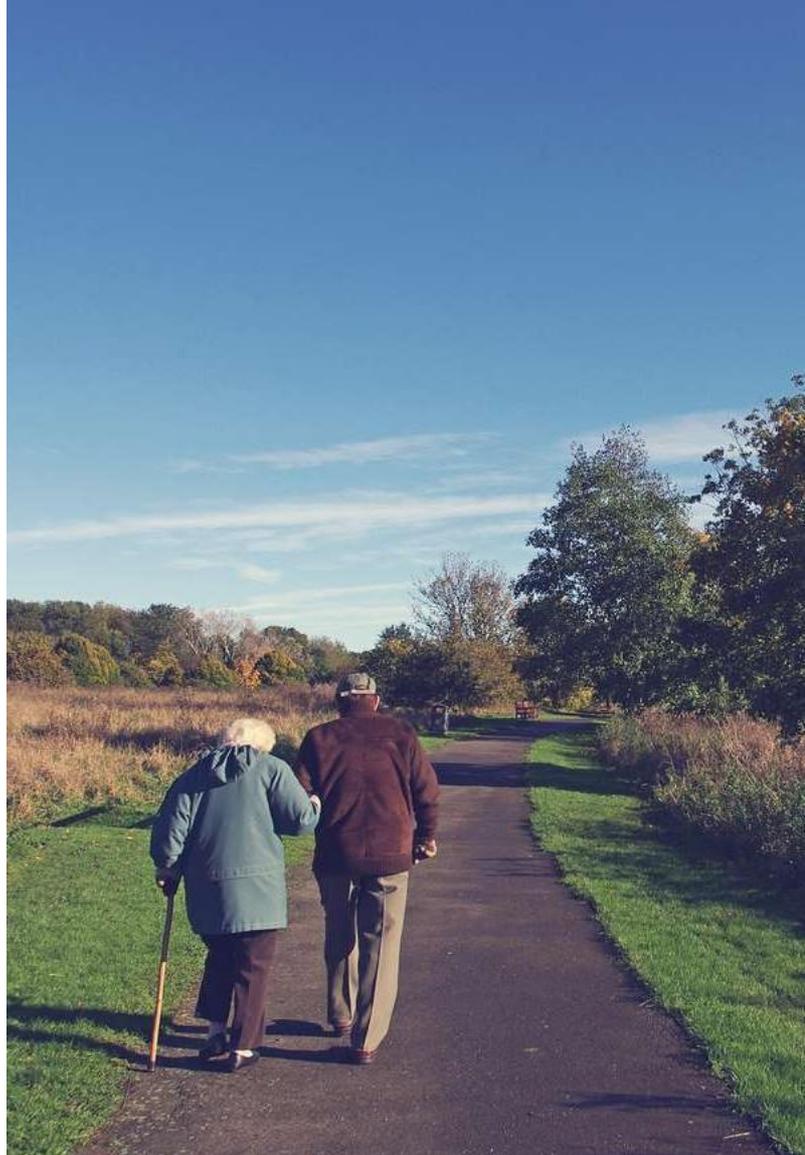
Observemos então, que a sensação de sobrecarga em relação aos desafios poderá, com o entendimento doutrinário, ser substituído pela alegria das muitas oportunidades.

Vemos pessoas idosas conscientes dessa realidade, como uma senhora de 94 anos que concluiu a faculdade, pois saiu do comodismo e aproveitou as possibilidades.

Quem tem uma visão materialista realça a ociosidade como conforto pessoal.

Há espíritos tão vinculados à vida material e à ideia materialista que não conseguem, nem do plano espiritual, compreender a ideia da reencarnação.

Se a ideia da reencarnação era passada na Antiguidade de formas diferentes, não há nisso contradição, mas adequação de culturas e nível de entendimento da população.



LM 301. Eis as respostas, dadas pelos Espíritos, às seguintes perguntas relativas às contradições:

1. O mesmo Espírito, comunicando-se em dois centros diferentes, poderá transmitir-lhes, sobre o mesmo assunto, respostas contraditórias?

“Se os dois centros diferem, entre si, relativamente às opiniões e às ideias, a resposta poderá chegar-lhes desfigurada, porque eles se encontram sob a influência de diferentes colunas de Espíritos: não é a resposta que é contraditória, é a maneira pela qual é dada”.

2. *Concebe-se que uma resposta possa ser alterada; mas, quando as qualidades do médium excluem qualquer ideia de má influência, como se explica que Espíritos Superiores utilizem uma linguagem diferente e contraditória, sobre o mesmo assunto, com pessoas perfeitamente sérias?*

“Os Espíritos, realmente superiores, nunca se contradizem e a linguagem de que se utilizam é sempre a mesma com as mesmas pessoas. Ela pode ser diferente, de acordo com as pessoas e os lugares; mas é preciso nisso prestar atenção: a contradição, muitas vezes, é apenas aparente – está mais nas palavras do que na ideia; porquanto, ao refletir, descobre-se que a ideia fundamental é a mesma. E, depois, o mesmo Espírito pode responder, diferentemente, sobre a mesma questão, conforme o grau de perfeição daqueles que o evocam, pois nem sempre é bom que todos obtenham a mesma resposta, já que não são igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta; certamente, responderias, tanto a uma quanto a outro, de maneira a ser compreendido e a satisfazê-los; a resposta, embora diferente, teria, aliás, o mesmo fundo”.



Experiências de muita dor, traumáticas, fazem com que sejam “esquecidas” por nós, graças a Misericórdia Divina, para conseguirmos seguir a diante.

O estudo sério nos ajuda a compreender, criar convicções, fazer escolhas melhores.

A preparação do futuro, das nossas próximas reencarnações faz parte da Lei de Amor. Daí a importância de estabelecermos laços de afetividade na convivência cotidiana. Precisamos melhorar nossos relacionamentos desde agora para termos um futuro melhor.

A Doutrina nos ajuda com o conceito. Nós precisamos transformar os conhecimentos (razão) em sentimento. Temos como exemplo o exercício do perdão como elemento de libertação.

Quando pensamos de forma altruísta, de acordo com a Lei de Deus, damos chance para que se cresça, interferindo de forma positiva em nós e na sociedade.

Assim, buscando a felicidade, nos deparamos com a VONTADE DE DEUS, sempre como oportunidade de recomeço.

Como estamos construindo a nossa reencarnação?

BLOCO DE ESTUDOS 3



Objetivos:

Entender que a reencarnação é um dos mecanismos da Justiça e Bondade de Deus;

Perceber que as consequências positivas ou negativas, em nossa reencarnação, são frutos da existência atual ou das anteriores.

6° ao 23°

Parágrafos da questão 222
de *O Livro dos Espíritos*



“Temos deparado com este raciocínio: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao homem recomeçar uma série de misérias e de tribulações. Achariam, por acaso, que haveria mais bondade em condenar o homem a um sofrimento perpétuo por alguns momentos de erro, do que em dar-lhe os meios de reparar suas faltas? “Dois industriais tinham, cada um, um operário que podia aspirar a se tornar sócio do chefe. Ora, aconteceu que esses dois operários empregaram, uma vez, muito mal o seu dia e mereceram ser despedidos. Um dos dois industriais demitiu o seu operário, apesar de suas súplicas e este, não tendo encontrado trabalho, morreu na miséria. O outro disse ao seu: Perdestes um dia; deveis-me, por isso, a reparação; permito-vos recomeçá-lo; tentai fazê-lo bem e eu vos conservarei e podereis continuar a aspirar à posição superior que vos prometi”.

É necessário perguntar qual dos dois industriais foi o mais humano? Deus, que é a própria clemência, seria mais inexorável do que um homem? A ideia de que nossa sorte está fixada para sempre, por alguns anos de provação, ainda que nem sempre tenha dependido de nós atingir a perfeição na Terra, tem qualquer coisa de pungente, enquanto que a ideia contrária é eminentemente consoladora: ela nos deixa a esperança. Assim, sem nos pronunciar a favor ou contra a pluralidade das existências, sem admitir mais uma hipótese do que a outra, dizemos que, se tivéssemos escolha, ninguém preferiria um julgamento sem-apelação. Um filósofo disse que, se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo, para a felicidade do gênero humano; poder-se-ia dizer o mesmo da pluralidade das existências. Mas, como já dissemos, Deus não pede nossa permissão; não consulta nossos gostos: ou é, ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e consideremos o assunto de um outro ponto de vista, abstração sempre feita do ensino dos espíritos: unicamente como estudo filosófico.

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal; se nossa existência corporal atual é a única, a alma de cada homem é criada no seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma; nesse caso, perguntar-se-ia o que era a alma antes do nascimento e se esse estado não constituiria uma existência sob uma forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia ou não, antes do corpo; se ela existia, qual era a sua situação? Possuía ou não, consciência de si mesma; se não tinha consciência, é quase como se ela não existisse. Se tinha sua individualidade, era progressiva ou estacionária; num e noutro caso, em que grau ela chegou ao corpo? Admitindo, conforme a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que dá no mesmo, que, anteriormente à sua encarnação, ela só possui faculdades negativas, fazemos as seguintes perguntas:

1) Por que a alma mostra aptidões tão diversas e independentes das ideias adquiridas com a educação?

2) De onde vem a aptidão extranormal de certas crianças em tenra idade, para essa arte, ou aquela ciência, enquanto outras permanecem inferiores ou medíocres, durante toda a sua vida?

3) De onde vêm, em alguns, as ideias inatas ou intuitivas que não existem em outros?

4) De onde vêm, em algumas crianças, esses instintos precoces de vícios ou de virtudes, esses sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, que contrastam com o meio em que nasceram?

5) Por que uns homens, abstração feita da educação, são mais adiantados do que outros?

6) Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes um criança hotentote recém-nascida, e se a educardes nos nossos colégios mais renomados, fareis dela, um dia, um Laplace ou um Newton?





Perguntamos: que filosofia ou teosofia pode resolver estes problemas? Ou as almas são iguais ao nascerem ou são desiguais, não há dúvida. Se são iguais, por que essas aptidões tão diversas? Dir-se-á que isso depende do organismo? Mas, então, esta é a doutrina mais monstruosa e mais imoral. O homem é apenas uma máquina, o brinquedo da matéria; ele não tem mais a responsabilidade por seus atos; ele pode tudo atribuir às suas imperfeições físicas. Se elas são desiguais, é que Deus as criou assim; mas, então, por que essa superioridade inata concedida a algumas?

Essa parcialidade corresponde à sua justiça e ao amor que ele consagra a todas as suas criaturas igualmente? Admitamos, ao contrário, uma sucessão de existências progressivas anteriores e tudo é explicado. Os homens trazem, ao nascer, a intuição daquilo que adquiriram; são mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que percorreram, conforme estejam mais ou menos afastados do ponto de partida: exatamente como numa reunião de indivíduos de todas as idades, cada um terá um desenvolvimento proporcional ao número de anos que tiver vivido; as existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a vida do corpo. Reuni, um dia, mil indivíduos, de um até oitenta anos; imaginai que um véu fosse lançado sobre todos os dias precedentes e que, na vossa ignorância, acreditásseis, assim, que todos tivessem nascido no mesmo dia: naturalmente, perguntaríeis a vós mesmos como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, uns instruídos e outros ainda ignorantes; porém, se a nuvem que vos esconde o passado viesse a se dissipar, ao saberdes que todos viveram mais ou menos tempo, tudo vos seria explicado.

Deus, na sua justiça, não pode ter criado almas mais ou menos perfeitas; porém, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos nada mais tem que se oponha à equidade mais rigorosa: é que vemos, unicamente, o presente e, não, o passado. Este raciocínio se baseia num sistema, numa suposição gratuita? Não; partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e encontramos este fato não explicado por nenhuma das teorias correntes; ao passo que sua explicação é simples, natural, lógica, através de uma outra teoria. Será racional preferir a que não explica àquela que explica? Com relação à sexta pergunta, dir-se-á, certamente, que o hotentote é uma raça inferior: perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é um homem, por que Deus deserdou a ele e sua raça dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é um homem, por que tentar torná-lo cristão? A Doutrina Espírita é mais ampla do que tudo isso; para ela, não há várias espécies de homens, há somente homens, cujos espíritos são mais ou menos atrasados, porém, suscetíveis de progredir: isto não está mais de acordo com a justiça de Deus?

Acabamos de ver a alma no seu passado e no seu presente; se a considerarmos no seu futuro, encontraremos as mesmas dificuldades.

1) Se apenas nossa existência atual deve decidir nossa sorte futura, qual será, na vida futura, a posição respectiva do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou distanciados na soma da felicidade eterna?

2) O homem que trabalhou toda a sua vida para melhorar-se estará na mesma classe daquele que permaneceu inferior, não por sua culpa, mas porque não teve nem o tempo nem a possibilidade de tornar-se melhor?

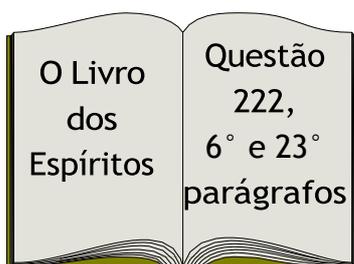
3) O homem que faz o mal, porque não pôde esclarecer-se, será passível de um estado de coisas que dele não dependeu?



4) *Trabalha-se para esclarecer os homens, para moralizá-los, para civilizá-los; porém, para cada um que se esclarece, há milhões que morrem, todos os dias, antes que a luz lhes tenha chegado; qual a sorte destes? Serão tratados como réprobos? Em caso contrário, que fizeram para merecer estar na mesma classe em que os outros?*

5) *Qual a sorte das crianças que morrem em tenra idade, antes de ter podido fazer o bem ou o mal? Se ficarem entre os eleitos, por que esse favor, sem nada terem feito para merecê-lo? Através de que privilégio, estarão liberadas das tribulações da vida?*

Haverá uma doutrina que possa resolver estas questões? Admiti as existências sucessivas, e tudo se explica segundo a justiça de Deus. O que não se pôde fazer numa existência, faz-se em outra; é assim que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo seu mérito real, e que ninguém está excluído da felicidade suprema, à qual ele pode aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos que possa encontrar no seu caminho.”



Por que não se aceita a Reencarnação?

A dificuldade em aceitar a possibilidade de novas existências leva a criação de sistemas. Kardec nos convida ao simples raciocínio de que pela sua misericórdia Deus nos proporciona um novo recomeço. Observemos o exemplo dos industriais citado por ele no 6º parágrafo da pergunta 222. A sorte fixada nos paralisa; não estamos condenados a viver numa mesma situação eternamente. A ideia de várias existências nos consola e deixa esperança.



A Reencarnação é fruto da bondade de Deus?

De acordo com as revelações e conhecimento oferecido pela Doutrina Espírita, tal raciocínio demonstra a existência da Paternidade Divina em nossas vidas a nos conceder a oportunidade de refletirmos e fazer os ajustes necessários para nossa evolução espiritual.

“(...) podemos dizer, sem medo de errar, que estamos sob a Direção de um Pai de amor e de bondade, que não quer a nossa destruição, mas quer a nossa transformação.”



Palavras do Coração, vol. 3, lição 27 - Reencarnação e Bondade Divina, pelo Espírito Hermann.

VER TAMBÉM:

- O Céu e o Inferno - 2ª Parte Capítulo VIII - Marcel, o menino nº 4
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo V, item 3;
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo VI;
- O Livro dos Espíritos - Questão 921.

A alma só nasce quando o corpo nasce?

Observamos nos argumentos de Kardec, nos parágrafos 7º até 14º da questão 222, que muitas questões sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos não são respondidas em sua totalidade por outras crenças e nem pelo materialismo. A diferença das aptidões, as habilidades e vícios precoces, as ideias inatas, um indivíduo mais adiantado que outro, etc., são elementos que percebemos, muitas das vezes, contrastar com o meio que a criatura nasce e a educação que recebe.

A Doutrina Espírita nos afirma que: somos Espíritos imortais, individualidades criadas por Deus, fruto de nossas escolhas, elaboradas através das oportunidades de experiências que tivemos em nossa trajetória, com a necessidade de reajustes diante de nossa consciência, para nossa felicidade.

A imortalidade da alma foi ensinada por outras doutrinas espiritualistas, mas só a Doutrina Espírita comprova sua realidade através dos fatos.

O Espiritismo não se limita apenas a comprovar nossa individualidade e imortalidade além-túmulo, mas demonstra e comprova os fatores que envolvem nossa trajetória, e a reencarnação é um deles. Temos vários exemplos na literatura espírita, dentre eles os casos citados por Léon Denis, no Livro *O Problema do ser e do Destino*, 2ª parte, item 14, “As vidas Sucessivas. Provas Experimentais”, como o dos três sujeitos que o Coronel Rocha encontra em Grenoble e Voiron.

Dentre os argumentos trazidos por Kardec à sua época, pensando na evolução do ser, ele busca esclarecer: Como explicar o estado de alguns indivíduos que não estão num contexto de civilização, e que embora acreditem numa força superior e tenham cultura e rituais próprios, ainda têm comportamentos e hábitos ligados à barbárie?

E o que pensar sobre os espíritos encarnados como selvagens?

Não há raças, por sua natureza, rebeldes ao progresso?
“Sim, mas estas se aniquilam, corporalmente, todos os dias.”

a) Qual será a sorte futura das almas que animam essas raças?

“Elas chegarão, como todas as outras, à perfeição, passando por outras existências; a ninguém Deus deserda.”

b) Então, os homens mais civilizados podem ter sido selvagens e antropófagos?

“Tu mesmo o foste, mais de uma vez, antes de seres o que és.”



O Livro dos Espíritos, questão 787, Allan Kardec.





Kardec fez alusão a algumas teorias do século XIX e se utilizou de expressões e conhecimentos de sua época. Não concordava com diversos aspectos de determinadas ciências de seu século, por isso buscou avaliar e trazer o conhecimento espírita para refutá-los.

Atualmente o conceito de selvagem vai além daquele estabelecido no tempo de Kardec, pois existem vários povos que apesar de viverem afastados dos locais mais desenvolvidos já demonstram sinais de civilização.

Em 2007, a FEB assina junto ao Ministério Público um termo de compromisso de inserção de nota explicativa nas próximas edições de *O Livro dos Espíritos*, onde constam esclarecimentos sobre as ideias frenológicas de Gall, fisiognomonia de Lavater e sobre a Teoria da Evolução de Darwin.

A frenologia é uma pseudociência desenvolvida no final do século XVIII e início do século XIX, por Franz Joseph Gall. Ela propõe que as características mentais, morais e intelectuais de uma pessoa podem ser determinadas pela forma do crânio e pelas protuberâncias na sua superfície. Segundo essa teoria, diferentes regiões do cérebro seriam responsáveis por funções específicas, e o tamanho dessas áreas influenciaria as habilidades e traços de personalidade.

Embora tenha tido algum impacto inicial nas ciências humanas, a frenologia foi amplamente desacreditada pela comunidade científica por falta de evidências e por ser baseada em suposições não verificáveis.

REFERÊNCIAS:



- ♦ Gall, F. J. (1835). Sobre as funções do cérebro e de cada uma de suas partes. Paris: J.-B. Baillièrre.
- ♦ Young, R. M. (1970). *Mente, cérebro e adaptação no século XIX*. Oxford: Oxford University Press.

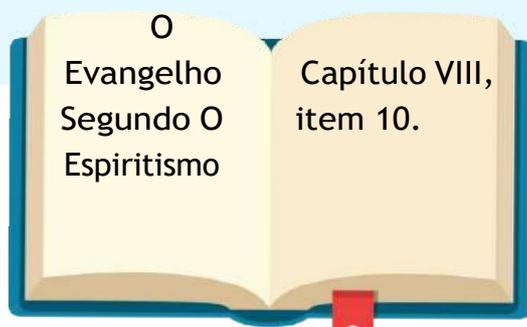
VER TAMBÉM:

- O Livro dos Espíritos, questões: 76, 77, 83, 87, 115, 152, 199, 789 Nota de Kardec, 959, 962.
- Livro Definições Espíritas - Frenologia e fisiognomonia (Allan Kardec).

Reencarnação é uma possibilidade lógica?

“Admitamos, o contrário, uma sucessão de existências progressivas anteriores e tudo é explicado. Os homens trazem ao nascer intuição de tudo que adquiriram. (...) Este raciocínio se baseia num sistema, numa suposição gratuita? Não; partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e encontramos este fato não explicado por nenhuma das teorias correntes; ao passo que sua explicação é simples, natural, lógica, através de uma outra teoria. Será racional preferir a que não explica àquela que explica?”

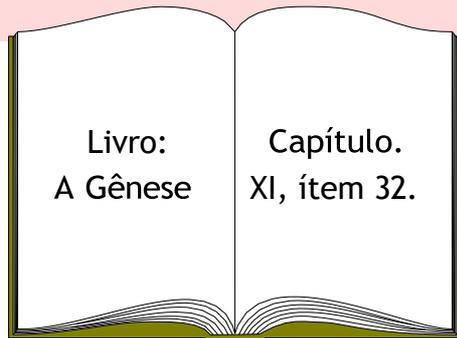
“A finalidade da religião é conduzir o homem a Deus; mas o homem só chega a Deus quando se torna perfeito, portanto, toda religião que não torna o homem melhor não atinge o seu objetivo. A religião em que se acredita encontrar apoio para fazer o mal é falsa ou foi falsificada em seu princípio. Esse é o resultado a que chegam todas as religiões em que a forma supera a essência, o fundamento. A crença na eficácia dos signos exteriores é nula, se ela não impede que se cometam homicídios, adultérios e espoliações, que se digam calúnias, que se faça mal ao próximo, qualquer que seja. Ela faz supersticiosos, hipócritas ou fanáticos, mas não faz homens de bem. Portanto, não basta ter a aparência da pureza, é preciso, antes de tudo, ter a pureza de coração.”



O Livro dos Espíritos, questão 222, 8º §, Allan Kardec.

No 15º parágrafo da questão 222, Kardec nos convida a observar que a reencarnação não é uma invenção da Doutrina Espírita, mas sim uma resposta as dúvidas que o conhecimento da ciência material não consegue oferecer. Explica a desigualdade das aptidões e de desenvolvimento moral e intelectual independente de gênero, idade, crença, etnia.

“O princípio da reencarnação é uma consequência fatal da lei do progresso. Sem a reencarnação como explicar a diferença que existe entre o estado social de hoje e o dos tempos de barbárie?”



Continua Kardec, no 16º parágrafo, com o raciocínio de que recomeçamos do ponto em que paramos. As experiências bem ou malsucedidas servem para o aperfeiçoamento do espírito, por isso tanta diversidade, e cada um terá seu planejamento a partir do que vivenciou em outras vidas. Deve-se aproveitar a vida presente para progredir, é a lei!

Em que está fundamentado o dogma da reencarnação?

“Na justiça de Deus e na revelação, pois vos repetimos incessantemente: Um bom pai deixa sempre aos seus filhos uma porta aberta para o arrependimento. A razão não te diz que seria injustiça privar, para sempre, da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorar-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os homens egoístas encontram-se a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”



O Livro dos Espíritos, questão 171, Allan Kardec.

VER TAMBÉM:

- ♦ Exilados de Capela;
- ♦ O Livro dos Espíritos, questões 787, 782;
- ♦ Jesus no Lar, Lição 49.

Miramez faz a seguinte colocação em *O Livro dos Espíritos* comentado: *“Allan Kardec tece comentários inteligentes em “O Livro dos Espíritos” sobre a reencarnação, a fim de facilitar aos homens essa crença de luz cheia de esperança para todos os corações que sofrem. Se não nos lembramos das nossas vidas passadas, isso constitui uma bênção de Deus, por não suportarmos viver duas vidas em uma existência, mas, no fundo da consciência, há sempre uma voz que não deixa apagar essa crença na troca de corpos, sem o limite das nossas intervenções impostas e impulsionadas pelo orgulho e pela vaidade”*.

“É preciso renascer, é lei comum do destino humano que também evolui num círculo cujo centro é Deus.”





BLOCO DE ESTUDOS 4

O QUE JESUS NOS FALA SOBRE REENCARNAÇÃO?

Objetivo:

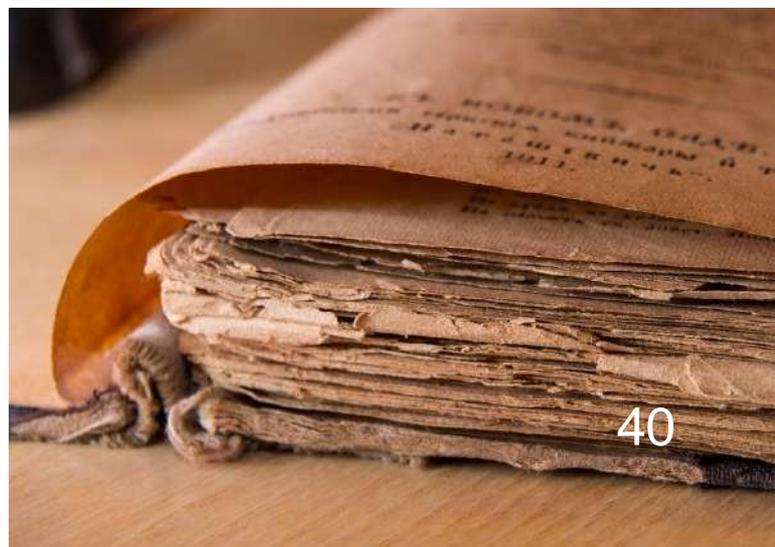
Identificar a comprovação da reencarnação através da ciência espírita e da fé raciocinada.

24° ao 33° parágrafos em
diante da Questão 222, de
O Livro dos Espíritos.



“Estas questões poderiam ser multiplicadas ao infinito, pois os problemas psicológicos e morais, que só encontram solução na pluralidade das existências, são inumeráveis; nós nos limitamos aos mais gerais. Seja como for, talvez se diga que a doutrina da reencarnação não é admitida pela Igreja; isto seria, então, o desmoronamento da religião. Nosso objetivo não é tratar desta questão neste momento; basta-nos ter demonstrado que ela é eminentemente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode ser contrário a uma religião que proclama Deus como a bondade e a razão por excelência. Que teria sido da religião se, contra a opinião universal e o testemunho da Ciência, ela tivesse resistido à evidência e tivesse expulsado de seu seio quem quer que não tivesse acreditado no movimento do Sol ou nos seis dias da criação?”

Que crédito teria merecido e que autoridade teria tido, entre os povos esclarecidos, uma religião fundada em erros manifestos impostos como artigos de fé? Quando a evidência foi demonstrada, a Igreja, sabiamente, colocou - se do lado da evidência. Se está provado que existem umas coisas que são impossíveis sem a reencarnação, se alguns pontos do dogma não podem ser explicados, senão através deste meio, será preciso admiti-lo e reconhecer que o antagonismo entre esta doutrina e aqueles dogmas é apenas aparente. Mais tarde, mostraremos que a religião talvez esteja menos afastada dela do que se pensa, e que não sofreria, por esse motivo, mais do que sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos que, à primeira vista, pareceram representar um desmentido aos textos sagrados. O princípio da reencarnação ressalta, aliás, de várias passagens das Escrituras e encontra-se formulado, de uma forma explícita, particularmente, no Evangelho:



“Enquanto desciam da montanha (após a transfiguração), Jesus fez esta advertência, dizendo-lhes: Não faleis a ninguém daquilo que acabastes de ver, até que o filho do homem tenha ressuscitado, dentre os mortos. Seus discípulos, então, o interrogaram: Por que, então, os escribas dizem que é preciso que Elias venha antes? Jesus, porém, lhes respondeu: É verdade que Elias deve vir e que restabelecerá todas as coisas. Entretanto, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o reconheceram, mas fizeram-no sofrer como quiseram. É assim que farão morrer o filho do homem. Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes falara.” (São Mateus, cap. XVII.)



Visto que João Batista era Elias, houve, portanto, a reencarnação do espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Todavia, qualquer que seja a opinião que se tenha sobre a reencarnação, quer seja aceita, quer não, nem por isso deixar-se-á de experimentá-la, já que ela existe, apesar de qualquer crença contrária; o ponto essencial, é que o ensino dos espíritos é eminentemente cristão; apoia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo; portanto, não é antirreligioso.

Raciocinamos, como o dissemos, abstraindo de qualquer ensino espírita que, para algumas pessoas, carece de autoridade. Se nós e tantos outros adotamos a opinião da pluralidade das existências, não é apenas porque veio dos espíritos, é porque ela nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões, até então, insolúveis. Tivesse ela vindo de um simples mortal e nós a teríamos adotado, da mesma forma, e não teríamos hesitado mais tempo em renunciar às nossas próprias ideias; desde o momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar, obstinando-se numa ideia falsa.



Assim também, nós a teríamos rejeitado, embora tivesse vindo dos espíritos, se ela nos tivesse parecido contrária à razão, como rejeitamos muitas outras; pois sabemos, pela experiência, que não se deve aceitar, cegamente, tudo o que vem da parte deles, não mais do que o que vem da parte dos homens. Seu primeiro mérito, a nosso ver, é, portanto, o de ser lógica; ela possui um outro: o de ser confirmada pelos fatos, fatos positivos e, por assim dizer, materiais, que um estudo atento e racional pode revelar a quem quer que se dê ao trabalho de observar, com paciência e perseverança, e, na presença dos quais, a dúvida não tem mais cabimento. Quando esses fatos forem popularizados, como os da formação e do movimento da Terra, será preciso render-se à evidência e os opositores nada terão obtido com seus esforços em contrário.

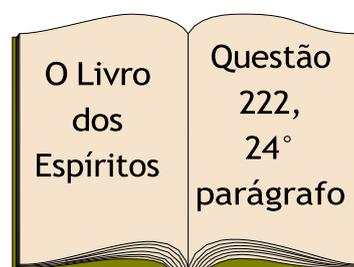
Em resumo, reconheçamos, portanto, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, é inexplicável; que ela é eminentemente consoladora e conforme à justiça mais rigorosa e que ela é, para o homem, a tábua de salvação que Deus lhe deu, por sua misericórdia.

As próprias palavras de Jesus não podem deixar dúvida a esse respeito. Eis o que se lê, no Evangelho, segundo São João, capítulo III:

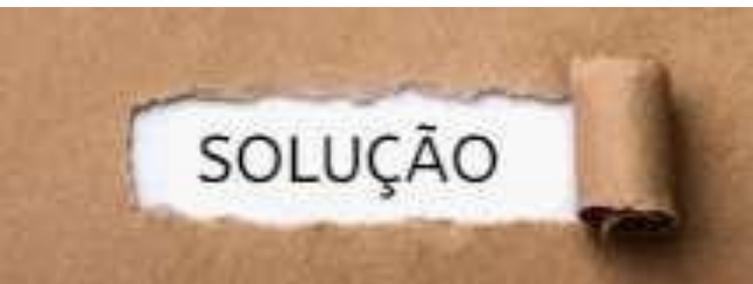
3. Jesus, respondendo a Nicodemos, diz: Em verdade, em verdade, te digo que, se um homem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus.

4. Nicodemos lhe diz: Como um homem pode nascer, quando está velho? Pode ele voltar ao ventre de sua mãe e nascer, uma segunda vez?

5. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade, te digo que, se um homem não nascer da água e do espírito, não poderá entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne e o que nasceu do espírito é espírito. Não te espantes com o que te disse: é preciso que nasçais de novo. (Ver, adiante, o artigo Ressurreição da Carne, questão 1.010.)”



A reencarnação explica tudo

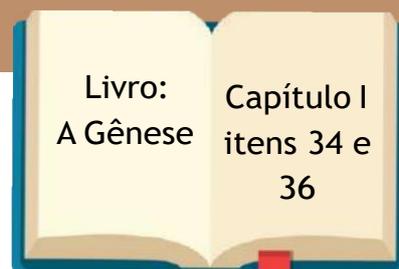


Os problemas psicológicos e morais que assolam a humanidade, só encontram solução na pluralidade das existências; uma vez que por ser lógica só ela resolve questões, até então, insolúveis.

A reencarnação é eminentemente moral e racional. *O Livro A Gênese*, em Fundamentos da Revelação Espírita, apresenta as vidas sucessivas da seguinte maneira:

“Por essa lei, o homem explica todas as aparentes anomalias que a vida humana apresenta; as diferenças de posição social; a mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as existências breves; explica a desigualdade das aptidões intelectuais e morais pela antiguidade do Espírito, que mais ou menos viveu, aprendeu e progrediu, e que traz, renascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores.

“Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de classes, pois que o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que supere em lógica o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação fundamenta sobre uma lei da Natureza, o princípio da fraternidade universal, ela fundamenta sobre a mesma lei o princípio da igualdade dos direitos sociais e, por consequência, o da liberdade.”



Livro: A Gênese
Capítulo I
itens 34 e 36



Os acontecimentos e as inúmeras escolhas equivocadas, feitas pelo homem no transcurso da sua caminhada de espírito imortal, nos faz buscar em Kardec e na orientação dos espíritos superiores uma possível explicação, complementando a ideia anterior:

“A reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como uma condição inerente à humanidade, em uma palavra, como uma lei da Natureza; ela se revela por seus resultados de uma forma por assim dizer material, como o motor oculto se revela pelo movimento que produz. Só a reencarnação pode dizer ao homem de onde ele vem, para onde vai, porque se encontra sobre a Terra, e justificar todas as anormalidades e todas as injustiças aparentes que a vida apresenta. Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maioria das máximas do Evangelho são incompreensíveis; esse é o motivo por que elas têm recebido interpretações tão contraditórias. Esse princípio é a chave que lhes deve restituir o seu verdadeiro sentido.”



Considerando a essência do Espírito imortal, encontramos na Revista Espírita - junho de 1867, o artigo: Emancipação das mulheres nos Estados Unidos, e observamos Kardec nos convidar a refletir em torno da lógica da existência do ser inteligente e sua evolução através das várias oportunidades reencarnatórias.



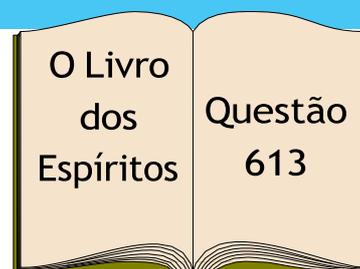
O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo IV, item 17.

“Se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes.” (Revista Espírita. 06/1867. Emancipação das mulheres nos Estados Unidos.)



Conforme visto no 24º parágrafo da questão 222 L.E., Kardec sinaliza que a reencarnação proclama Deus como a bondade e a razão por excelência. Também avalia pontos importantes acerca da reencarnação, baseado num raciocínio lógico, trazendo questionamentos de modo organizado, conduzindo às conclusões que permitem ver que a reencarnação trata-se de uma doutrina, embora algumas religiões descartem e combatam tal ideia.

”O que é constante, o que ressalta do raciocínio e da experiência, é a sobrevivência do espírito, a conservação de sua individualidade depois da morte, sua faculdade progressiva, seu estado feliz ou infeliz, proporcionais ao seu adiantamento no caminho do bem, e todas as verdades morais que são a consequência deste princípio.”



O Evangelho e a reencarnação

O princípio da reencarnação se destaca em várias passagens das Escrituras e encontra-se formulado, de uma forma explícita, particularmente, no Evangelho como vimos nos 25° e 26° parágrafos da questão 222 L.E., tornando mais claras as palavras de Jesus.

Ao citar passagens do Evangelho, sobre a possibilidade da reencarnação sendo comprovada nas orientações de Jesus, Kardec destaca e explica:

“... a reencarnação é o retorno da alma, ou espírito, à vida corporal, mas em um outro corpo, novamente formado para ela, que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia, assim, ser aplicada a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Portanto, se João Batista era Elias, conforme se acreditava, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João tinha sido visto criança, e seu pai e sua mãe eram conhecidos. João podia ser Elias reencarnado, mas não ressuscitado.”

“Se o princípio da reencarnação, expresso no Evangelho de João, poderia, a rigor, ser interpretado em um sentido puramente, o mesmo não poderia ocorrer nesta passagem de Mateus em que não há equívoco possível: *é ele mesmo o Elias que há de vir*; nela não há figura nem alegoria, é uma afirmação positiva. *Desde a época de João Batista até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência*; o que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica dizendo: *E se quereis compreender o que eu vos digo, é ele mesmo o Elias que há de vir*. Ora, João não sendo outro senão Elias, Jesus faz alusão ao tempo em que João vivia sob o nome de Elias (...)”

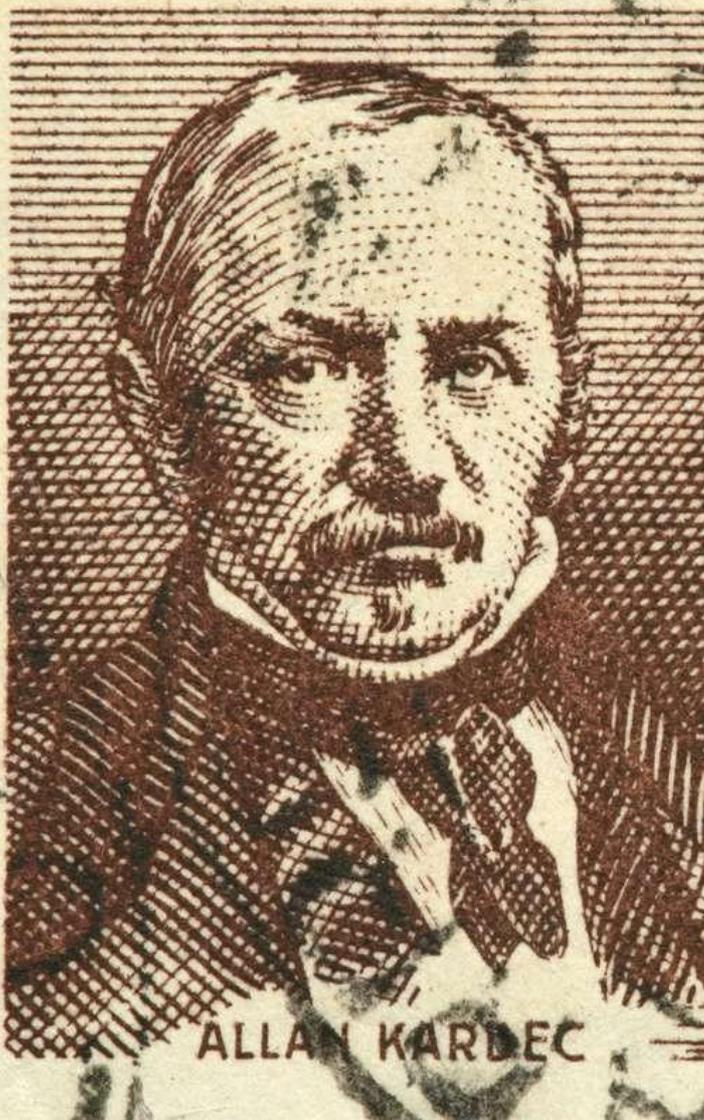


O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 4, item 11.



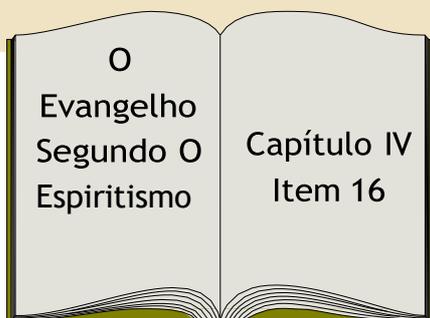
O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo IV, item 4.





Para Kardec, ao se desconsiderar as afirmativas dos evangelistas, torna-se também uma maneira de negar o Cristo:

“... sob o nome de ressurreição, o princípio da *reencarnação* era uma das crenças fundamentais dos judeus, e que foi confirmada, de maneira evidente, por Jesus e pelos profetas; de onde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo (...).”



Assim, duas questões estão em evidência, concordar com as ideias do Cristo e aceitar a reencarnação. Mesmo que se tenha lógica nessas questões, é necessário observação e estudo continuado para aceitar essa ideia, conforme Kardec pontua do 27° ao 33° parágrafos da questão 222 de *O Livro dos Espíritos*.

As provas da reencarnação são bastante contundentes, por mais que se queira negá-las, pois, não admiti-las é abrir mão de muitas explicações:

“Por mais se evite examinar ou se deseje violentamente negar, somente a reencarnação possui o suporte filosófico da divina justiça quanto às demonstrações científicas para elucidar com amor e sabedoria todos os enigmas da vida humana.”



O Evangelho Segundo O Espiritismo
capítulo IV, item 4.

Os espíritos vão mais longe, quando revelam que a justiça divina não seria possível sem recorrermos a pluralidade das existências. O fato de negar uma Lei, não significa que ela deixará de existir ou de exercer a sua ação.

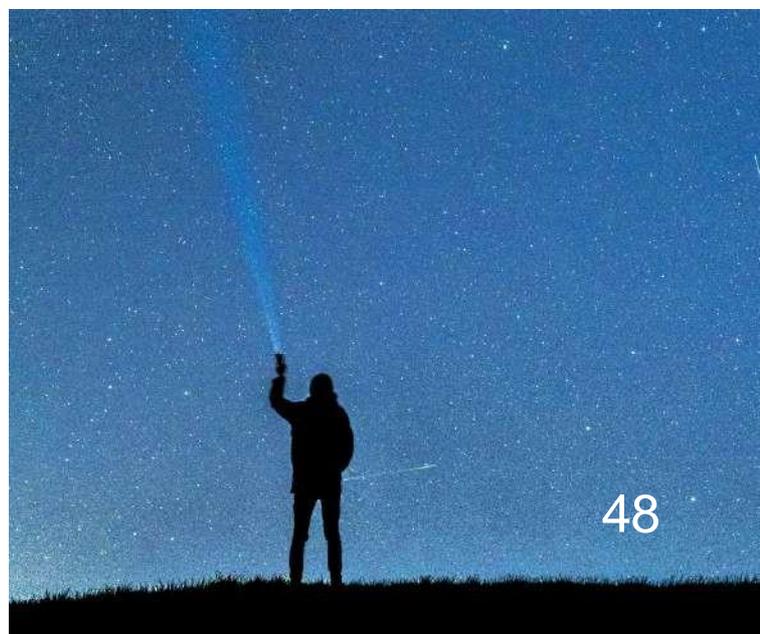
“(...) Ora, contra uma lei da Natureza, que é necessariamente obra de Deus, não há sistema que possa prevalecer, nem anátemas que a possam anular, assim como não anularam o movimento da Terra e os períodos da criação. A pluralidade das existências, o renascimento, se se quiser, é uma condição inerente à natureza humana, como a de dormir, e necessária ao progresso da alma. É sempre lamentável quando uma religião se obstina em ficar na retaguarda dos conhecimentos adquiridos, porque chega o momento em que, ultrapassada pela onda irresistível das ideias, ela perde o seu crédito e a sua influência sobre todos os homens instruídos”. (Revista Espírita. Novembro de 1863, Pastoral do Sr. bispo de Argel contra o Espiritismo. Allan Kardec, FEB.)

Os próprios Espíritos afirmam que a autoridade da Doutrina Espírita, está na revelação dos Espíritos, através de vários médiuns, em diversos lugares e com concordância nos ensinamentos feitos espontaneamente. Porém, ao analisar a reencarnação, avaliamos que as próprias experiências humanas, pensadas com a lógica, justificam uma série de fenômenos e acontecimentos.

É imperativo que diante de tantos fatos e evidências, se interrogue sobre a veracidade ou não da reencarnação.

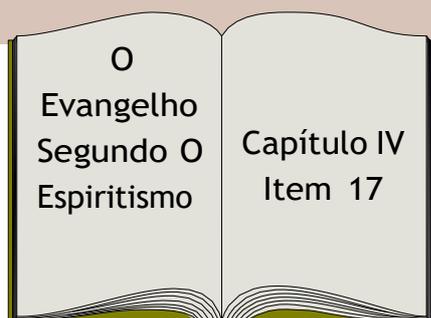
VER TAMBÉM:

- ♦ Revista Espírita. Agosto de 1862, Carta do Sr. Jean Reynaud ao Journal des Débats. Allan Kardec. FEB;
- ♦ Revista Espírita. Setembro de 1862. Carta do Sr. Dombre a um Pregador. Allan Kardec. FEB;
- ♦ O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo vi;
- ♦ Revista Espírita. Julho de 1866. Morte de Joseph Méry. Allan Kardec. FEB.



“Mas a essa autoridade, do ponto de vista religioso, virá juntar-se, do ponto de vista filosófico, a autoridade das provas que resultam da observação dos fatos; quando dos efeitos se quer remontar às causas, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como uma condição inerente à humanidade, em uma palavra, como uma lei da Natureza; ela se revela por seus resultados de uma forma por assim dizer material, como o motor oculto se revela pelo movimento que produz. Só a reencarnação pode dizer ao homem de onde ele vem, para onde vai, porque se encontra sobre a Terra, e justificar todas as anormalidades e todas as injustiças aparentes que a vida apresenta.

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maioria das máximas do Evangelho são incompreensíveis; esse é o motivo por que elas têm recebido interpretações tão contraditórias. Esse princípio é a chave que lhes deve restituir o seu verdadeiro sentido”.



De modo geral, a pluralidade das existências mostra a Lei Divina expressa em bondade para todos os seus filhos, e Allan Kardec a resumiu bem em sua nota referente a questão 171 L.E., que fala sobre a justiça da reencarnação.

Em sua conversa com Nicodemos, Jesus é claro sobre a existência da reencarnação, pois o indaga sobre como um doutor da lei desconhecia essa questão.

O Cristo já nos sinalizara uma vida futura e a ideia da imortalidade da alma. Através das várias passagens do Novo Testamento podemos perceber que os judeus já conheciam reencarnação. Quando Jesus nos fala que “ Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”, nos diz que uma vida apenas não será suficiente para ajustar todas as nossas imperfeições e alcançar o progresso espiritual para o qual fomos criados.



Após quatro anos mergulhados em estudos e reflexões acerca da Reencarnação, resta-nos indagar ao próprio coração:

– Como tenho visto minha existência após esses estudos?

– Em que a Doutrina Espírita pode me ajudar na mudança de meus pontos de vista?

– E as dificuldades? Já consigo encará-las como desafios, que, uma vez resolvidos me tornarão mais competente intelectual e moralmente?

– Já consigo enxergar os recursos que me são oferecidos, desde o corpo físico, família, profissão, saúde, grupos sociais..?

– E as tarefas atinentes a Casa Espírita (estudos, trabalhos...) são vistas ainda como elementos à parte ou já fazem parte da minha “Agenda Reencarnatória”?

– Consigo conceituar o que é “aproveitar a vida”?

– E a utilização do meu tempo, alguma mudança?

É isto, irmãos: a Espiritualidade Diretora de nossa Casa, ao longo destes quarenta e um anos, vem se aprimorando no esforço de auxiliar nosso caminhar evolutivo.

Os Encontros Espíritas representam oportunidade generosa para que não nos esqueçamos do caminho que nos foi ensinado pelo Mestre Jesus.

O trabalho das equipes é encontrar uma aplicação clara e lógica desses conceitos no dia a dia de nossas existências.

Aproveitemos o conhecimento e a vibração do contato com esses Benfeitores Espirituais, para traçarmos, com coragem, objetivos de vida coerentes com a Lei de Deus, “única e verdadeira para nossa felicidade” (L.E. 614).

Que Deus abençoe nossas intenções de progresso e melhoria moral!

Anexo 1

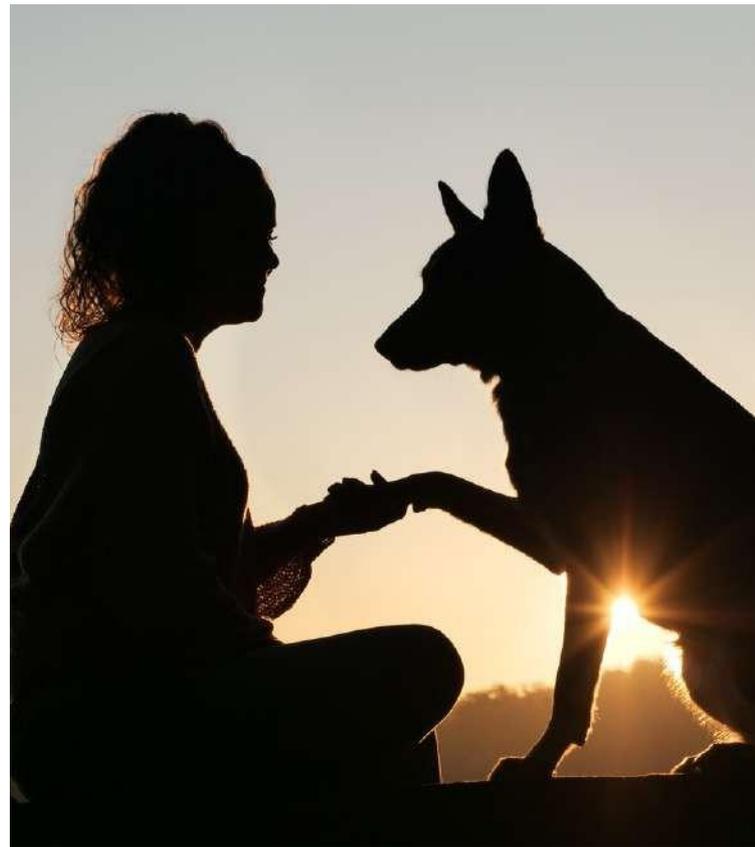
(Bloco de Estudos 1)

Conceito de Metempsicose

A metempsicose é uma doutrina que trata da transmigração da alma, ou seja, a crença de que, após a morte, a alma de um ser pode reencarnar em outro corpo, seja de um ser humano, animal ou vegetal. Este conceito está associado principalmente às tradições filosóficas e religiosas da Antiguidade, como o hinduísmo, o budismo, o pitagorismo e o platonismo.

Na metempsicose, a qualidade moral das ações em vidas anteriores influencia a forma em que a alma reencarna. Esse processo de transmigração é, frequentemente, entendido como parte de um ciclo de purificação e aprendizado até que a alma alcance um estado de perfeição ou libertação.

Embora similar à reencarnação, a metempsicose inclui a possibilidade de renascimento em formas de vida não humanas, o que a distingue de interpretações mais restritas da doutrina da reencarnação.



Referências:

Plato. (1892). Phaedo (Jowett, B., Trans.). Oxford University Press.

Este diálogo platônico aborda a imortalidade da alma e menciona a transmigração.

Eliade, M. (1987). History of Religious Ideas (Vol. 1). University of Chicago Press.

Explora a metempsicose no contexto das religiões antigas.

Upanishads. (2004). The Principal Upanishads (Radhakrishnan, S., Trans.). HarperCollins.

Textos clássicos do hinduísmo que discutem a transmigração e o ciclo de renascimento.

Anexo 2

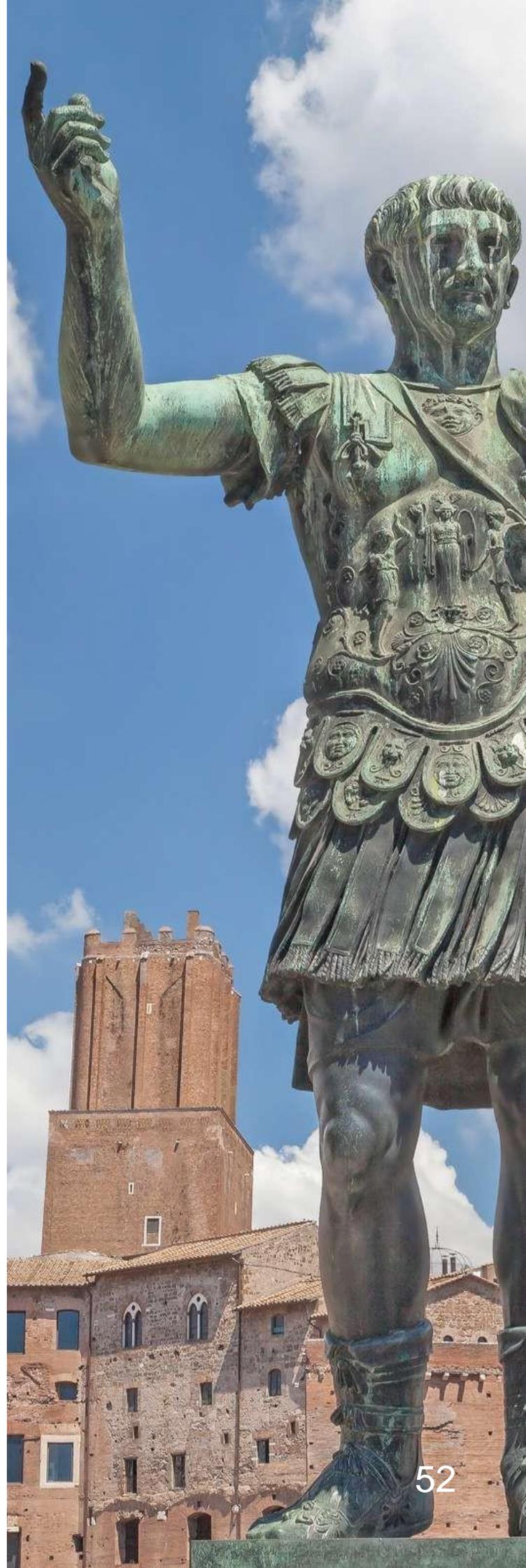
(Bloco de Estudos 1)

HISTÓRIA DE COMO A IDEIA DA REENCARNAÇÃO FOI REMOVIDA DO CRISTIANISMO

Reencarnação Fácil, Luis Hu Rivas.

“Até a metade do século VI, a reencarnação fazia parte do Cristianismo. Depois do II Concílio de Constantinopla, atual Istambul, Turquia, por exigência do Império Bizantino, ficou abolida, sendo substituída pela ressurreição. Por petição de Teodora, esposa do Imperador Justiniano, partidária da escravidão e das ideias preconcebidas, temerosa de retornar ao mundo na pele de escrava negra, desencadeou uma forte pressão sobre o Papa da época, Vigílio, para quem os desejos de Teodora eram lei. Assim, o Concílio, decidiu eliminar todas as doutrinas de Orígenes de Alexandria, incluindo a reencarnação.”

Título adaptado pela equipe da apostila.

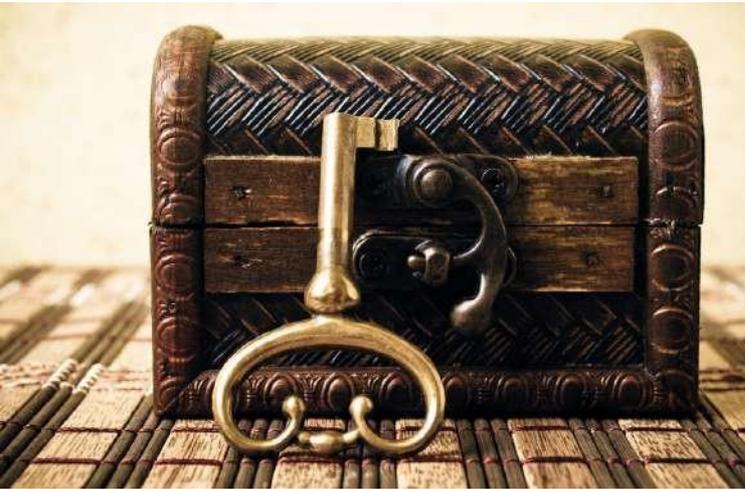


Anexo 3

(Bloco de Estudos 2)

A DOCTRINA SECRETA. AS RELIGIÕES.

Depois da morte, 1ª Parte, Capítulo I,
Léon Denis.



“Se do domínio dos fatos passamos ao dos princípios, teremos, primeiramente, que traçar novamente as grandes linhas da doutrina secreta. Segundo ela, a vida é apenas a evolução do espírito, no tempo e no espaço, única realidade permanente. A matéria é sua expressão inferior, sua forma mutante. O Ser por excelência, fonte de todos os seres, é Deus, ao mesmo tempo triplo e um, substância, essência e vida, em quem se resume todo o Universo. Daí, o deísmo trinitário que, da Índia e do Egito, passou, disfarçado, para a doutrina cristã: esta, dos três elementos do ser, fez pessoas. A alma humana, parcela

da grande alma, é imortal. Progride e retorna na direção do seu autor, através das existências numerosas, alternadamente terrestres e espirituais, e através de um aperfeiçoamento contínuo. Nas encarnações corporais, ela constitui o homem, cuja natureza tríplice, corpo, perispírito e alma, torna-se um microcosmo ou um pequeno mundo, imagem reduzida do macrocosmo ou do Todo. É por esse motivo que podemos encontrar Deus, no mais profundo do nosso ser, perguntando-nos na solidão, estudando e desenvolvendo nossas faculdades latentes, nossa razão e nossa consciência. A vida universal tem duas faces: a involução, ou a descida do espírito na matéria pela criação individual; e a evolução, ou ascensão gradual pela cadeia das existências, em direção à Unidade Divina.

A essa filosofia agrupava-se todo um feixe de ciências: a ciência dos números ou matemáticas sagradas, a teogonia, a cosmogonia, a psicologia e a física. Nelas, o método indutivo e o método experimental combinavam-se e controlavam-se de maneira a formar um conjunto imponente e harmônico.”

“Este ensino abria ao pensamento perspectivas capazes de provocar vertigem nos espíritos mal preparados. Reservava-se, por isso, para os fortes. Se a vista do Infinito perturba e enlouquece as almas débeis, fortifica e engrandece os valentes (...).

O ensino dos santuários produziu homens verdadeiramente prestigiosos pela elevação das ideias e o poder das obras realizadas, uma elite de pensadores e de homens de ação, (...). Lançaram aos ventos a semente que fecunda as almas, promulgaram a lei moral, imutável, em toda parte e sempre semelhante a si mesma.

Mas os discípulos não souberam guardar intacta a herança dos mestres. Estando mortos aqueles, seu ensino foi desnaturado, tornando-se irreconhecível pelas alterações sucessivas. A média dos homens não estava apta para perceber as coisas do espírito e as religiões perderam depressa sua simplicidade e sua pureza primitivas. As verdades que traziam foram afogadas sob os detalhes de uma interpretação grosseira e material (...).

A verdade é comparável a essas gotas de chuva que tremem na extremidade de um galho. Enquanto permanecem ali suspensas, brilham como puros diamantes sob o clarão do dia, logo que tocam o solo, misturam-se a todas as impurezas. Tudo o que vem do alto suja-se ao contato terrestre. Até no seio dos templos, o homem levou suas paixões, suas cobiças, suas misérias morais. Além disso, em cada religião, o erro, esse bem da Terra, mistura-se à verdade, esse bem do Céu.”



Anexo 4

(Bloco de Estudos 2)

POSITIVISMO

Depois da morte, 1ª Parte, Capítulo VII, Léon Denis.

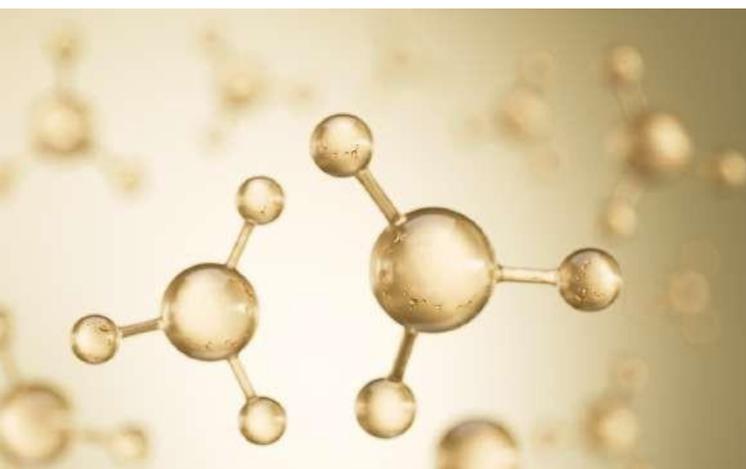
“Esta filosofia, mais sutil ou menos franca que o materialismo, nada afirma, nada nega. Afastando qualquer estudo metafísico, qualquer pesquisa das causas primárias, ela estabelece que o homem nada pode saber do princípio das coisas; em consequência, o estudo das causas do mundo e da vida seria supérfluo. Todo seu método refere-se à observação dos fatos constatados pelos sentidos e leis que os religam. Admite apenas a experiência e o cálculo.

Todavia, o rigor desse método teve que se curvar diante das exigências da Ciência, e o Positivismo, como o materialismo, apesar do seu horror à hipótese, foi constrangido a admitir teorias não verificáveis pelos sentidos. É assim que ele

raciocina sobre a matéria e a força, cuja natureza íntima lhe é desconhecida; que não admite a lei de atração, o sistema astronômico de Laplace, a correlação das forças, todas as coisas impossíveis de demonstrar, experimentalmente.

Mais ainda, vimos o fundador do Positivismo, Augusto Comte, depois de ter eliminado todos os problemas religiosos e metafísicos, retornar às qualidades ocultas e misteriosas das coisas e terminar sua obra fundando o culto da Terra. Esse culto tinha suas cerimônias, seus sacerdotes assalariados. É verdade que os positivistas renegaram essas aberrações. Não insistiremos nesse ponto, não mais sobre o fato de que Littré, o sábio eminente, o chefe venerado do ateísmo moderno fez-se batizar no seu leito de morte, depois de ter aceito as visitas frequentes de um sacerdote católico. Um tal desmentido infligido aos princípios de toda uma vida deve, entretanto, ser assinalado.

Esses dois exemplos, dados pelos mestres do Positivismo, demonstram a impotência de doutrinas que se desinteressam das aspirações do ser moral e religioso.

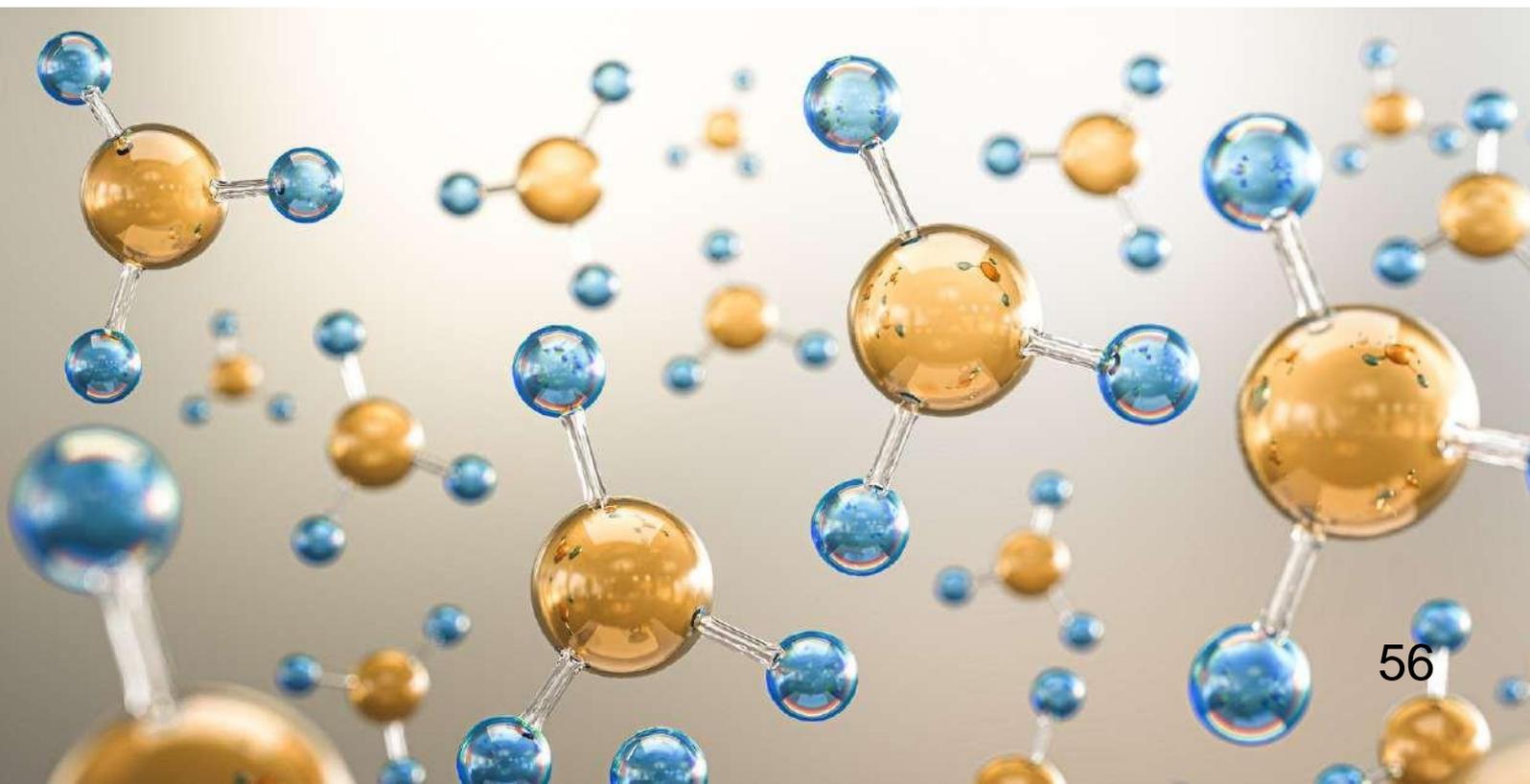


Eles provam que nada se cria com negações nem com a indiferença; que, apesar de todos os sofismas, chega a hora em que o pensamento do Além se ergue diante dos céticos mais endurecidos.

Contudo, não se pode desconhecer que o Positivismo não tenha tido sua razão de ser e não tenha prestado incontestáveis serviços ao espírito humano, constringindo este a seguir de mais perto ainda seus argumentos, a precisar suas teorias, a fazer mais ampla demonstração. Cansados das abstrações metafísicas e das vãs discussões de escola, seus fundadores quiseram colocar a Ciência num terreno sólido; mas a base escolhida por eles era tão estreita que seu edifício deixou de ter, ao mesmo tempo, amplidão e solidez. Querendo restringir o

domínio do pensamento, anularam as mais belas faculdades da alma; rejeitando as ideias de Espaço, de Infinito, de absoluto, tiraram de certas Ciências, da Matemática, da Geometria, da Astronomia, qualquer possibilidade de se desenvolver e de progredir. (...)

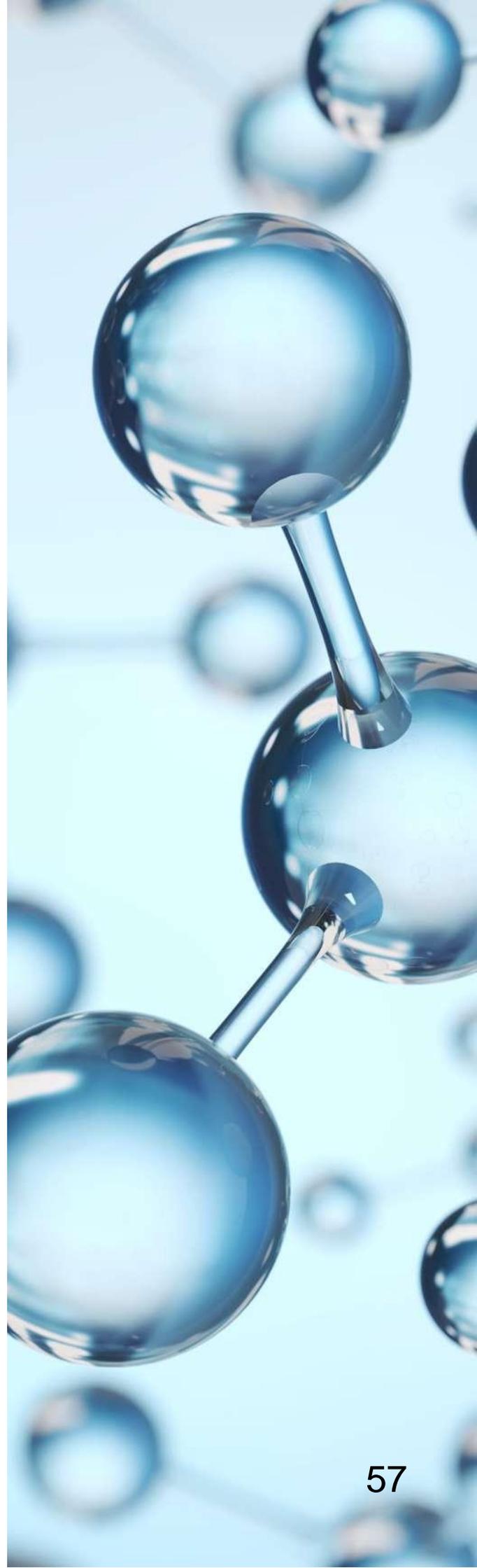
O Positivismo está impossibilitado de fornecer uma base moral à consciência. O homem, desse lado, tem apenas direitos a exercer, há, também, deveres a realizar; é a condição essencial de qualquer ordem social. Ora, para realizar seus deveres, é preciso conhecê-los, e como conhecê-los, se se desinteressa do objetivo da vida, das origens e dos fins do ser? (...)"



“A moral não pode ser tomada como base, como ponto de partida. Ela é uma consequência de princípio, o coroamento de uma concepção filosófica. É por isso que a moral independente tornou-se uma teoria estéril, uma ilusão generosa, sem-influência sobre os costumes.

No seu estudo atento e minucioso da matéria, as escolas positivistas contribuíram para enriquecer certos ramos dos conhecimentos humanos, mas perderam de vista seu domínio exclusivo, imitaram o mineiro que se afunda cada vez mais nas entranhas do solo, descobre, aí, os tesouros ocultos e não vê mais o grande espetáculo da Natureza, despojando-se sob os raios do Sol.

O Positivismo não pode ser considerado como a última etapa da Ciência. Esta é progressiva em essência e saberá completar-se. O Positivismo é apenas uma das formas temporárias da evolução filosófica (...) A marcha do espírito humano não tem fim. Fixar-lhe um, é negar a lei do progresso; é desprezar a verdade.”



Anexo 5

(Bloco de Estudos 2)

REENCARNAÇÃO, SUBLIME MEIO DE PROGRESSO

Pela graça infinita de Deus, volume 2, lição 7 - pelo espírito Balthazar.

Que o espírito precisa progredir já o sabemos.

Que ele atravessa inúmeras reencarnações está ficando claro para a maioria de nós.

Que ele alcançará todo o progresso possível é a grande esperança de todos.

Mas como o fará? Como alcançará a fase de opulência espiritual senão com a graça da reencarnação?

Para o espírito imortal, reencarnar não é somente voltar a uma nova experiência; é também colocar todo o seu ânimo, toda a sua força para caminhar em estado de permanente movimento, buscando alcançar estágios impensáveis para o atual estado de conhecimento humano.

A reencarnação é fase de conquista do espírito imortal, assim como o são o estado de elevação e o de pureza absoluta.

A reencarnação traça uma estrada para o homem; é a estrada que o levará do finito para o infinito; do conhecimento das coisas simples para o conhecimento das coisas complexas.

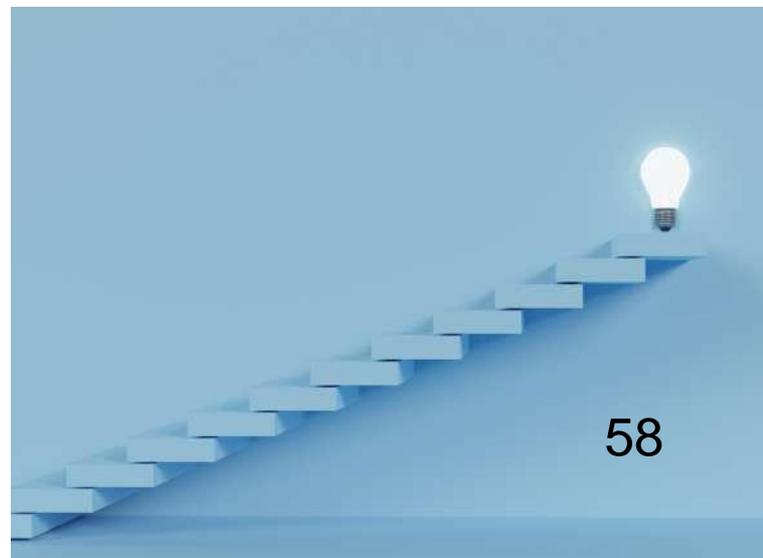
Pela reencarnação, o homem descobre o que foi, e é através dela que ele sonha com o que será.

Pela reencarnação, apagará os traços da rudeza animal e começará a vestir-se como um anjo.

Enfim, pela reencarnação, o ser deixará para trás as marcas da singeleza de uma fé em imagens e outras formas de veneração, para chegar a ver-se integrado no Cosmos infinito.

Reencarnação - sublime meio pelo qual Deus opera o progresso do homem - quando fores entendida como és realmente, serás não só exaltada, mas também querida por todos aqueles que desejarem evoluir!

Paz!



Anexo 6

(Bloco de Estudos 2)

NOTA EXPLICATIVA

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec.



“A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.”

“Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração da sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisionomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de O Livro dos Espíritos – do livro sobre a Evolução das Espécies, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (Revista Espírita, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.”

“Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra (...).”

“Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.”



Anexo 7

(Bloco de Estudos 4)

REENCARNAÇÃO OU PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS CORPÓREAS

Parábolas e Ensinos de Jesus, Cairbar Schutel.

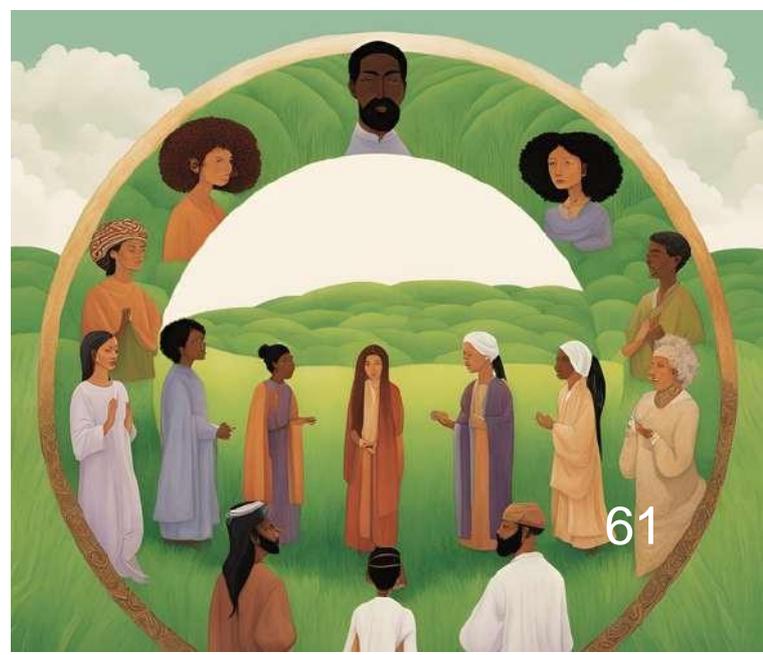
“Os discípulos dirigem-se a Jesus e perguntam-lhe: Por que dizem os escribas que importa vir Elias primeiro? Jesus lhes responde: Elias certamente há de vir restabelecer todas as coisas. Eu, porém, vos digo que Elias já veio e eles não o conheceram, antes, fizeram dele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer em suas mãos. Então conheceram seus discípulos que era de João Batista que ele lhes falava.” (Mateus, XVII, 10-13.)

A reencarnação é um dos princípios fundamentais do Cristianismo. A idéia de que João Batista era o Espírito de Elias reencarnado, tornou-se tão firme nos discípulos de Jesus que não admitiam, absolutamente, dúvida a respeito. E é de notar que o Senhor não dissuadiu seus discípulos desse pensamento; ao contrário, confirmou-o categoricamente:

“Se vós quereis bem compreender, João Batista é o Elias que há de vir.” (Mateus, XI, 14-15).

A reencarnação das almas, dissemos noutro capítulo, é a glorificação da Justiça Divina, ao passo que a doutrina da vida única destrói todos os atributos do Criador.

Além disso, essa doutrina salienta as qualidades boas ou más, como peculiares ao Espírito e não ao corpo e diz que, pelo progresso, os bons ficarão ainda melhores e os maus se tornarão bons, dependendo essas aquisições do trabalho que cada um de nós desenvolva para benefício próprio. O corpo não é mais que um agente, um instrumento para a manifestação dessas qualidades. Ao deixar o corpo, o Espírito leva consigo tudo o que tem de bom ou de mau, e, durante as sucessivas encarnações, ele se depura, expurgando a maldade e aperfeiçoando-se na bondade.



O Espírito é semelhante a um operário que empreita uma obra, e o corpo é o instrumento que ele usa para executar o serviço. Quando perde ou quebra a ferramenta, o operário adquire outra ou outras, até executar a obra; o Espírito, quando o corpo morre, toma outro corpo, ou outros corpos, tantos quantos sejam necessários para terminar a tarefa. O Supremo Artífice do Universo dá a seus operários tantos instrumentos, tantos corpos quantos sejam necessários para que eles cumpram suas missões.

Bonita doutrina! dirão uns; belos ensinamentos! dirão outros; mas tudo isso não passa de palavras, palavras que soam bem, mas somente palavras; e perguntarão: “Se assim fosse certamente nos lembraríamos da nossa existência ou das nossas existências passadas.

Responderemos também com uma interrogação: quem pode penetrar nas profundezas do subconsciente? A faculdade da memória tem sido assunto de estudo dos filósofos de todos os tempos e, atualmente, embora muita luz se tenha feito sobre essas dobras obscuras da consciência, a faculdade da memória tem seus caprichos que só depois de evoluirmos muito poderemos descobrir.

Por exemplo: nesta mesma existência alimentamo-nos no seio materno e não nos recordamos deste ato por nós mesmos praticado. Como lembrar-nos de fatos que se passaram em outras vidas, que tivemos com outros corpos, os quais, certamente, eram diferentes em perfeição dos que temos hoje?

O esquecimento do passado é necessário ao nosso bem-estar presente e ao nosso progresso; permite ação mais livre e nos ajuda a passar mais suavemente pelas provas a que nos submetemos.

Se todos conservassem a lembrança de existências passadas, com a nitidez que se deseja, essa lembrança, como é natural, associar-se-ia à recordação de todas as pessoas com quem vivemos e ficaríamos conhecendo não só a nossa vida anterior como a dos que nos cercam, principalmente se os seres com quem convivemos tivessem convivido conosco na precedente vida.

E o que resultaria daí?

Não é difícil prever a série de perturbações e contrariedades a que ficaríamos submetidos.

A vida de todos ficaria devassada para uns e outros.

O perdão que Deus nos concede, é o esquecimento das faltas; se não houvesse esse esquecimento, viveríamos sob a dor pungitiva dos crimes praticados, pois é certo os praticamos, dada a inferioridade em que todos nos achamos. Não é o remorso que nos dilacera de dor?

Eis por que Deus, em seus altos desígnios, não permite que nos recordemos de nossas existências passadas.

Entretanto, alguns há que se lembram, não só da sua passada existência, como de diversas vidas que tiveram na Terra. Outros há a quem é revelada a existência anterior.

E não são poucos os que se recordam de sua vida transata. Teófilo Gautier, Alexandre Dumas, afirmaram ter-se recordado de suas existências passadas. Lamartine chegou a descrever lugares, rios, vales e a sua própria casa da Judéia, onde vivera em vida anterior, sem que nesses lugares tivesse estado na sua última existência. Juliano, o Apóstata, afirmava ter sido Alexandre da Macedônia; Pitágoras dizia recordar-se de várias existências, citando aquelas em que fora Herneotínio, Eufórbio e por fim um dos argonautas.



Anexo 8

(Bloco de Estudos 4)

REENCARNAÇÃO NA BÍBLIA

Compilado da equipe da apostila.

O princípio da reencarnação ressalta, de várias passagens das Escrituras. No livro “Cristianismo e Espiritismo”, no Capítulo 4, Léon Denis, corrobora com tal ideia, ao dizer que:

“...a lei da reencarnação está indicada em várias passagens do Evangelho. Ela deve ser considerada sob dois aspectos diferentes: o retorno à carne, dos espíritos em via de aperfeiçoamento, e a reencarnação dos espíritos enviados à Terra em missão”.

Em termos de Escrituras Bíblicas, as próprias palavras de Jesus também não deixam dúvidas a respeito das revelações e verdades que nela estão contidas. Ele considerava que ali haviam revelações importantes, portanto, não as negava em absoluto, como podemos observar nessa passagem:

“Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas; eu não vim destruí-los, mas cumpri-los. Porquanto eu vos digo em verdade que o céu e a Terra não passarão sem que se cumpra perfeitamente tudo o que está na lei, até o último iota, o último ponto.” (Mateus, V:17 e 18).

Assim, nas palavras de Kardec, citando o livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no capítulo I, item 3, podemos também encontrar a mesma ideia: “Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus. Ele veio cumpri-la, ou seja, desenvolvê-la, dar-lhe o seu verdadeiro sentido e apropriá-la ao grau de adiantamento dos homens.” No item 4, do mesmo livro e capítulo, consta que: “Ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado sua vinda.” Podemos desse modo afirmar que Jesus dava crédito ao que os profetas diziam e ratificava tais revelações. Ainda em Kardec, no item 4, do mesmo livro e capítulo acima citado, seguindo suas reflexões encontramos: “Entretanto, [Jesus] não disse tudo, e sobre muitos pontos limitou-se a lançar o germe de verdades que, ele mesmo declarou, não podiam ainda ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos.”





Porém num estudo atento e minucioso, podemos identificar que um dos temas registrados no Antigo Testamento e também proposto por Jesus, foi a reencarnação, porém, não de forma explícita, de modo a estar ao alcance daquele povo ainda pouco desenvolvido no sentimento e na razão.

Apenas com o passar dos anos, com as novas transformações que ocorreram na inteligência e no desenvolvimento humano, que foi possível aos espíritos irem esclarecendo os homens. Neste aspecto Jesus veio na hora adequada, no momento propício, para trazer noções mais desenvolvidas acerca de muitos temas, porém ainda não o bastante para falar de maneira clara sobre reencarnação. Usava frases, ensinamentos, parábolas, que para mentes um pouco mais despertas, já indicava esse princípio.

Portanto, se tirarmos o véu da letra, conseguiremos identificar registros no Velho Testamento, trazidos pelos profetas e, no Novo Testamento, passagens de Jesus junto com os apóstolos que atestam, que indicam que a reencarnação é um fato.

Para confirmar tais ideias, seguem abaixo alguns textos extraídos da Bíblia (Antigo e Novo Testamento), obedecendo a cronologia registrada, e tendo como apoio adicional o livro “A Reencarnação na Bíblia”, do autor Hermínio C. Miranda.

GÊNESIS 15:15-16: “Tu, porém, irás em paz para teus pais, serás sepultado numa boa velhice. Na quarta geração voltarão para cá, porque a medida da iniquidade dos Amoreus ainda não está cheia.”

Baseado nessa passagem Hermínio nos oferece maiores esclarecimento como segue: [Os espíritos encarnados que ali estavam combatendo os amoreus voltariam em outra existência para continuar o combate, pois o adversário ainda não teria sido vencido. Isto, ..., somente ocorreria na quarta geração, a partir daquela, ou seja, os mesmos espíritos em outros corpos dentro de um século e pouco. (Hermínio C. Miranda)

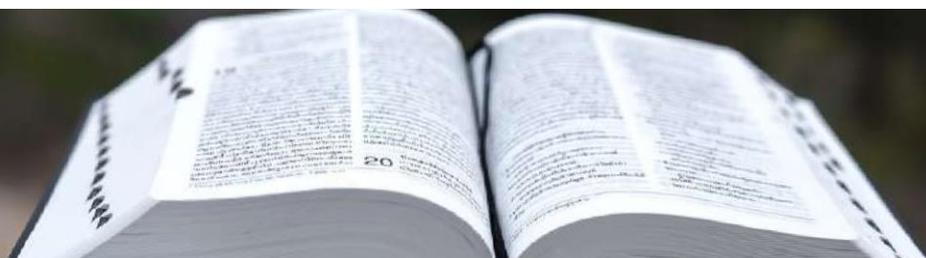
A primeira e mais importante alusão à doutrina das vidas sucessivas se acha contida exatamente no mandamento inicial do Decálogo: ÊXODO 20:2-6: “Eu sou Jeová, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa de servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo na terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto, porque eu, Jeová, teu Deus, sou Deus zeloso (ciumento), que visito a iniquidade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta geração daqueles que me aborrecem, e uso misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.”

Observemos na continuidade o arrazoado de Hermínio no livro Reencarnação na Bíblia, no Capítulo Primeiro Mandamento, clareando o texto bíblico, com a visão reencarnacionista que a doutrina nos ensina. [... quando o ajuste não pode ser realizado numa vida, ele se transfere para nova existência na carne daquele mesmo ser espiritual que errou e não de outro.] (Hermínio C. Miranda)

Aqui nos parece que o “redator” do texto do Primeiro Mandamento tinha plena consciência do mecanismo das vidas sucessivas, ou seja, sabia que o Espírito costuma renascer três ou quatro gerações adiante, a fim de resgatar seus erros ou dar prosseguimento às suas tarefas. (Hermínio C. Miranda)

O Decálogo consagra logo no seu Primeiro Mandamento estes três princípios fundamentais: a responsabilidade pessoal de cada um, o resgate pela expiação e a reencarnação. (Hermínio C. Miranda)

Continuando no texto bíblico: ÊXODO 34:6-7 “Passando Jeová por diante dele (Moisés), proclamou: Jeová, Jeová, Deus misericordioso e clemente, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; que guarda beneficência em milhares, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado; e que de maneira alguma terá por inocente o culpado, visitando a iniquidade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta geração”. Sobre essa passagem opina Hermínio: [... o inocente não será de maneira alguma responsabilizado pela falta alheia.] (Hermínio C. Miranda)



Dando prosseguimento a análise do Antigo Testamento, na passagem a seguir, não é muito difícil identificar a ideia da reencarnação, na possibilidade da continuação da vida, porém em outros novos corpos:

JÓ 1:21: “Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá; o Senhor o deu e o Senhor o tomou, bendito seja o nome do Senhor.”

Clarifica essa passagem o comentário de Hermínio ao dizer que [... as leis divinas nos concedem um corpo de carne cada vez que precisamos voltar à terra para viver aqui as experiências e os testes que nos são necessários ao processo evolutivo.] (Hermínio C. Miranda)

No livro “O Evangelho Segundo O Espiritismo, capítulo 4, item 14”, referente a passagens do profeta gentil, Jó, e de diferentes traduções bíblicas, também encontramos material para nossa reflexão acerca da reencarnação: “Mas quando o homem morreu uma vez e seu corpo, separado do seu espírito, foi consumido, em que é que ele se transforma? O homem, estando morto uma vez, poderia reviver de novo? Nesta guerra em que me encontro todos os dias da minha vida, espero que chegue a minha transformação [minha mudança].” (JÓ, 14: 10 a 14. Tradução de Louis-Isaac Lemaistre de Sacy.)



“Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira; depois, onde ele está? Se o homem morre, reviverá? Esperarei todos os dias do meu combate, até que me chegue alguma transformação [mudança]?” (JÓ, 14:10 a 14. Tradução protestante de Osterwald.)

“Quando o homem morreu, vive sempre; terminando os dias da minha existência terrestre, esperarei, porquanto a ela voltarei de novo.” (JÓ, 14:10 a 14. Versão da Igreja grega.)

Para Hermínio, não resta dúvida sobre as contribuições de Jó neste tema pluralidade das existências, e ele clarifica isso nas suas pontuações: [Mudança: algumas traduções substituem transformação por mudança.]. [Que outra coisa estaria ele esperando com aquela mudança senão a oportunidade de uma nova existência, ou seja, a mudança de personalidade dentro do contexto da mesma individualidade? (Hermínio C. Miranda)]

Outro registro acerca da reencarnação de maneira indireta, está em ECLESIASTES 6:6: - “Ainda que vivesse duas vezes mil anos e não visse o bem, porventura todos não vão para um mesmo lugar?”

Essa passagem é pensada por Hermínio como [... a destinação final de todas as criaturas é sempre a mesma - a paz em Deus [à salvação, ou seja, à redenção em Deus, como espíritos puros]. Lá chegaremos todos, um dia, e como poderíamos chegar se não nos fossem proporcionadas repetidas e inesgotáveis oportunidades de reavaliação, reajuste e refazimento? (Hermínio C. Miranda)]

Mais um registro sobre o tema está em SABEDORIA, 8:19- 20. “Eu era um menino bom, dotado de uma boa alma. Como era bom, vim para um corpo incontaminado.” Significando [... foi destinado àquele bom espírito, um corpo sadio. (Hermínio C. Miranda)]

Usado por Kardec como trecho do O Evangelho Segundo o Espiritismo, no Capítulo 4, no item 12, extraído de (ISAÍAS 26:19.) “Aqueles de vosso povo que morreram, viverão de novo; aqueles que foram mortos em meio a mim, ressuscitarão. Despertai de vosso sono e cantai louvores a Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz, e arruinareis a Terra e o reino dos gigantes”

Continuando em ISAÍAS 48:8: “Tu nem as ouviste, nem as conheceste, nem tampouco antecipadamente se te abriram os ouvidos, porque eu sabia que procederias mui perfidamente e eras chamado de transgressor desde o ventre materno.”

No questionamento e entendimento de Hermínio [como poderia um ser humano arcar com a acusação e ser considerado transgressor antes de nascer? Não há saída possível senão a de que ele vivera antes outras existências e nelas cometera erros e crimes. Já vinha para vida na carne com culpas a resgatar, como todos nós. (Hermínio C. Miranda)]



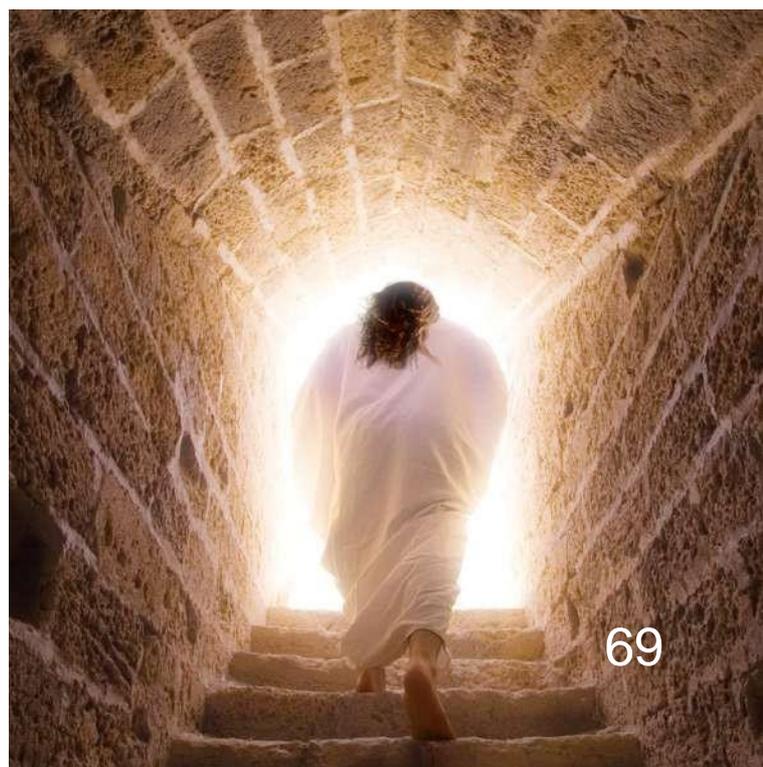
Ainda em trechos de ISAÍAS 49:1-2: “Jeová chamou-me desde o ventre, desde as entranhas de minha mãe fez menção do meu nome; fez minha boca como uma espada aguda, na sombra de sua mão me escondeu.” Contemplando na visão de Hermínio, a ideia de que: [Tanto quanto a Jeremias, também a Isaías é atribuída - antes de nascer - a tarefa da profecia, ou seja, da mediunidade. Seu nome foi escolhido, pois sabiam os poderes espirituais do destemor daquele Espírito, da coragem moral de que necessitaria para seus pronunciamentos e, por isso, investiam-no dos necessários poderes e davam-lhe a competente cobertura espiritual [a espada aguda na boca e a mão de Deus a protegê-lo]. (Hermínio C. Miranda)

Notadamente, mais destaques merecem a nossa devida atenção vindo agora do profeta JEREMIAS: 1:5 “Antes que eu te formasse no ventre, te conheci, e, antes que saíesses da madre, te santifiquei: um profeta para as nações te constituí.” No entender de Hermínio [o Espírito é convocado para uma importante missão de profeta entre os homens e tudo é programado no mundo espiritual antes mesmo que o corpo físico que lhe seria destinado começasse a ser gerado no ventre daquela que seria sua mãe.

Já nasceu, pois, "santificado", isto é, com as condições necessárias ao exercício de suas faculdades mediúnicas - também chamadas de profetismo.] (Hermínio C. Miranda)

JEREMIAS 31:29-30: “Naqueles dias não dirão mais: Os pais comeram as uvas verdes e os dentes dos filhos se embotaram. Mas cada um morrerá pela sua iniquidade; todo o homem que comer uvas verdes, a esse é que lhe ficarão botos os dentes.”

Outra contribuição a esta discussão, vem do profeta EZEQUIEL no capítulo 18, versículo 30 - “Portanto, eu vos julgarei, a cada um conforme os seus caminhos,” [... o culpado, e não outro, irá renascer na terceira ou na quarta geração para responder pela sua falta. É o conceito da responsabilidade pessoal de cada um pelas consequências de seus erros.] (Hermínio C. Miranda)



Já o profeta Malaquias profetizara por volta do ano 450 A.C., que Elias, um dos maiores e mais respeitados profetas de Israel, voltaria à Terra no tempo devido, na condição de precursor de alguém de hierarquia infinitamente mais elevada do que ele MALAQUIAS 3: 1 - “Eis que envio o meu mensageiro para preparar o meu caminho. E de repente virá ao seu templo (corpo), o Senhor que vós buscais, o anjo da aliança [Jesus] que desejais.” [“ir para o seu templo” equivale a nascer, a fim de viver na terra entre os homens. Esses Espíritos (Jesus e Elias), portanto, já existiam. (Hermínio C. Miranda)

A última contribuição vinda do Antigo Testamento, já finalizando esse pequeno apanhado de passagens que indicam a reencarnação: EZEQUIEL 33:11 “Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, que não me alegro com a morte do ímpio [na sua condenação], mas que o ímpio [o pecador] se converta [se regenere] do seu caminho, e viva [na prática do bem]: convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos, ...?” [O prêmio do justo era o mesmo de sempre: viver. O destino do pecador, a morte.] (Hermínio C. Miranda)

Se Deus não deseja [a morte do ímpio, ou, a sua condenação], não de ser colocados ao alcance do “pecador” todos os recursos de que ele necessitar para recuperar-se, deixando para sempre de “pecar”. Como, porém, entender tais oportunidades de recuperação no contexto de uma só vida na carne? Como poderia o Pai desejar que o “pecador” se salve sem proporcionar-lhe os meios para fazê-lo? Não há, pois, como sofismar ante o esquema básico a seguir resumido:

- Cada um responde pelos seus erros e tem o mérito de suas virtudes.
- Não há sofrimento inocente, nem recompensa imerecida por herança, contágio, ou por procuração.
- A cada um segundo suas obras.
- As oportunidades de reajuste são proporcionadas a todos indistintamente.
- O processo evolutivo - uma condição cósmica - exige um mecanismo de reajuste moral que é precisamente o das vidas sucessivas.

(Hermínio C. Miranda)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO E O NOVO TESTAMENTO:

Após essa seleção de textos extraídos do Antigo Testamento, marcando uma época de restrita capacidade de compreensão de alguns termos e o processo da reencarnação, a partir daqui, traremos alguns textos do Novo Testamento, registrando a vivência de Jesus junto aos apóstolos e sua possibilidade de já trazer informações ampliando o pensamento acerca da reencarnação:

O Evangelho Segundo O Espiritismo, capítulo 04, item 1. “Jesus, tendo vindo para os arredores de Cesaréia de Filipe, interrogou seus discípulos: “Que dizem os homens quanto ao Filho do Homem? Quem dizem eles que eu sou?” E os discípulos lhes responderam: “Uns afirmam que és JOÃO BATISTA; outros, que és ELIAS; outros, que és JEREMIAS ou algum dos profetas.” Jesus lhes disse: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, tomando a palavra, respondeu: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo.” E Jesus falou: “Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus.” (Mateus, 16:13 a 17; Marcos, 8:27 a 30.)

O Evangelho Segundo O Espiritismo, capítulo 04, item 2. “Entretanto, Herodes, o Tetrarca, ouviu falar de tudo o que Jesus fazia, e seu espírito ficou em dúvida, porque uns diziam que JOÃO havia ressuscitado de entre os mortos; outros, que ELIAS havia aparecido, e outros, que um dos antigos profetas havia ressuscitado. Herodes, então, falou: “Eu mandei cortar a cabeça de JOÃO, portanto quem é esse de quem ouço dizer tão grandes coisas?” E tinha vontade de vê-lo.” - (Marcos 6:14 e 15; Lucas 9:7 a 9)

O Evangelho Segundo O Espiritismo, capítulo 04, item 3. “(Após a transfiguração.) Seus discípulos o interrogaram, dizendo: “Por que dizem pois os escribas que é preciso que ELIAS venha primeiro?” Mas Jesus lhes respondeu: “É verdade que ELIAS deve vir e restabelecer todas as coisas, mas eu vos declaro que ELIAS já veio, e eles não o conheceram, e o trataram como quiseram. É assim que farão sofrer o Filho do Homem.” Então seus discípulos compreenderam que era de JOÃO BATISTA que Jesus lhes havia falado.” (Mateus, 17: 10 a 13; Marcos, 9: 10 a 12.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 04, item 10. “Ora, desde a época de JOÃO BATISTA até o presente, o reino dos céus se toma pela violência e são os violentos que o arrebatam; visto que, até JOÃO, todos os profetas, e também a lei, o profetizaram. E se quereis compreender o que eu vos digo, é ele mesmo o ELIAS que há de vir. Que ouça aquele que tiver ouvidos para ouvir.” (Mateus, 11: 12 a 15.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 04, item 5. “Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus, que veio, à noite, encontrar Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que tu vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, visto que ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.” Jesus lhe falou: “Em verdade, em verdade, te digo que ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.” Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem que já é velho? Ele pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer uma segunda vez?” Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, te digo que, se um homem não renasce da água e do espírito, ele não pode entrar no reino de Deus.

À luz dos conceitos da Doutrina Espírita, um tanto mais expostos e explicados por Jesus, Hermínio complementa que [o espírito nasce e renasce muitas vezes na carne, até que fique em condições de pureza e sabedoria que lhe permitam "entrar no Reino de Deus".] (Hermínio C. Miranda)

“O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do espírito é espírito. Não te admires de que eu tenha dito que é preciso que nasças de novo. (...).” [Aqui Jesus ensina a dualidade do ser humano, que é carne ou corpo e espírito.] (Hermínio C. Miranda)

Nicodemos lhe perguntou: “Como isso pode acontecer?” Jesus lhe disse: “És mestre em Israel e ignoras essas coisas? Em verdade, em verdade, eu te digo que só dizemos o que sabemos e só damos testemunho do que vimos; e no entanto, não aceitas o nosso testemunho. Mas se tu não crês, quando te falo das coisas da Terra, como acreditarás quando te falar das coisas do céu?” - (João, 3: 1 a 12.)



JOÃO 9: 1-14: - “Jesus, ao passar, viu um homem cego de nascença. Perguntaram-lhe seus discípulos: Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais? Respondeu Jesus: Nem ele pecou [nesta vida] nem seus pais, mas isto se deu para que as obras [leis] de Deus nele sejam manifestas. [... manifestava-se nele o mecanismo das leis divinas. Mais uma vez observamos que a doutrina das vidas sucessivas era familiar aos discípulos, o que se evidencia na própria maneira de formular a pergunta: “Foi ele quem pecou ou foram seus pais?” Se não acreditassem numa responsabilidade preexistente, como iriam perguntar por que um cego de nascença estava sendo castigado?] (Hermínio C. Miranda) [... a questão se coloca dentro do seguinte esquema:

- O sofrimento decorre sempre do erro praticado. Não há sofrimento inocente, injusto, indevido.
- Aquele homem nascera cego e não tivera oportunidade de pecar naquela vida como cego.
- Ninguém responde pelos pecados alheios. O pecado que ele resgatava com a sua cegueira não era de seus pais, mesmo porque seria injusto inocentar pais criminosos através do sofrimento do filho tido por inocente.] (Hermínio C. Miranda)

LUCAS 12:51-53: “Pensais que vim trazer paz à terra? Não, eu vo-lo digo, mas divisão; porque de ora em diante, haverá numa casa cinco pessoas divididas, três contra duas, e duas contra três; estarão divididas: o pai contra seu filho, e o filho contra seu pai; a mãe contra sua filha, e a filha contra sua mãe; a sogra contra sua nora, e a nora contra sua sogra.”

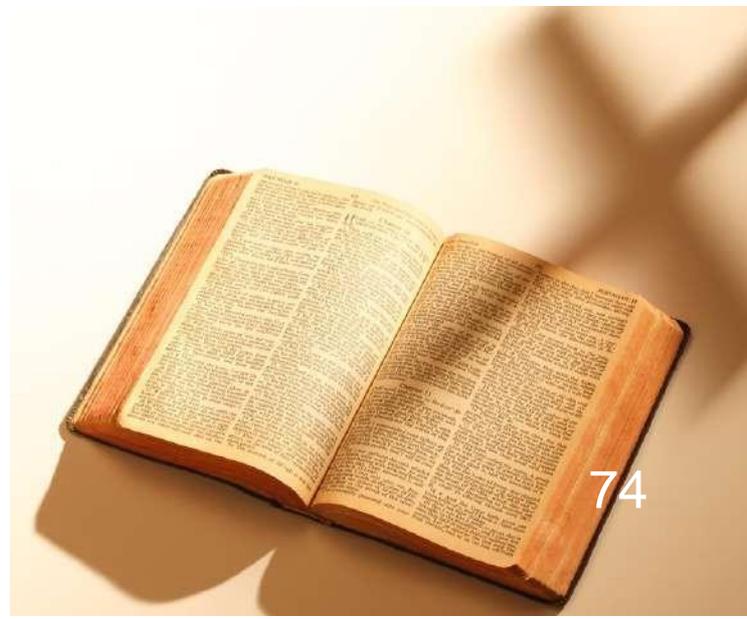
[Por que toda essa divergência e desentendimentos mútuos? ... porque as desinteligências são muito mais comuns entre aqueles que ainda se acham espiritualmente desajustados, desarmonizados. Só excepcionalmente os grupos familiares reúnem espíritos de elevado nível evolutivo, que se amem, se compreendam e se respeitem mutuamente... é porque os espíritos, que estão reunidos precisamente para aprenderem a se estimar e respeitar reciprocamente, trazem ainda, de outras vidas, ódios acirrados, mágoas não superadas. A lei divina os põe juntos exatamente para aprenderem a praticar o preceito universal do amor fraterno. Pouco adiantará tudo isso, porém, se não tivermos também absorvido a lição universal do amor, a medida de todas as coisas, porque é da essência de Deus.] (Hermínio C. Miranda)

LUCAS 12:58-59: “Com efeito, enquanto te diriges com teu adversário em busca do magistrado, esforça-te por entrar em acordo com ele no caminho, para que ele não te arraste perante o juiz, o juiz te entregue ao executor, e o executor te ponha na prisão. Eu te digo, não sairás de lá antes de pagares o último centavo”.

João 5:6-14:A cura de um paralítico de Betesda - “E estava ali, (junto a um tanque, às portas de Betesda), um homem que, havia 38 anos, se achava enfermo. E Jesus, vendo-o deitado, e sabendo que estava neste estado havia muito tempo, disse-lhe: Queres ficar são? (...) Jesus disse-lhe: Levanta-te, toma tua cama, e anda. Logo aquele homem ficou são; e tomou a sua cama, e partiu. Depois Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: Eis que já estás são; não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior.”

[... o Cristo deixou bem claro (...) que o sofrimento é consequência do erro e que, inversamente, o erro leva fatalmente à dor.] (Hermínio C. Miranda)

Contribuindo com essa análise em torno das máximas bíblicas sobre o tema reencarnação, daqui em diante estarão expostos apenas trechos de O Evangelho Segundo O Espiritismo





ESE, 04 Item 4. A palavra ressurreição podia, assim, ser aplicada a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Portanto, se João Batista era Elias, conforme se acreditava, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João tinha sido visto criança, e seu pai e sua mãe eram conhecidos. João podia ser Elias reencarnado, mas não ressuscitado.

ESE, 04 Item 6. A ideia de que João Batista era Elias, e de que os profetas podiam reviver na Terra, encontra-se em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas relatadas acima, (itens 1 a 3). Se essa crença tivesse sido um erro, Jesus não deixaria de combatê-la, como combateu a tantas outras; longe disso, ele a confirmou com toda a sua autoridade, colocando-a como um princípio e como uma condição necessária.

ESE, 04 Item 11. Se o princípio da reencarnação, expresso no Evangelho de João, poderia, a rigor, ser interpretado em um sentido puramente místico, o mesmo não poderia ocorrer nesta passagem de Mateus em que não há equívoco possível: é ele mesmo o Elias que há de vir; nela não há figura nem alegoria, é uma afirmação positiva. Desde a época de João Batista até o presente, o reino dos céus se toma pela violência; o que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica dizendo: E se quereis compreender o que eu vos digo, é ele mesmo o Elias que há de vir. Ora, João não sendo outro senão Elias, Jesus faz alusão ao tempo em que João vivia sob o nome de Elias. (...) Depois Jesus acrescenta: “Que ouça aquele que tiver ouvidos para ouvir.” Essas palavras, tantas vezes repetidas por Jesus, dizem claramente que nem todas as pessoas estavam em condições de compreender certas verdades.]

A Reencarnação está de alguma forma implícita na Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, e em “O Evangelho Segundo Espiritismo, no capítulo XXIV, item 4, Allan Kardec nos esclarece o motivo pelo qual muitos assuntos não foram apresentados explicitamente à época, como segue:

“É de admirar que Jesus diga que não se deve colocar a luz sob o alqueire, enquanto que ele mesmo, constantemente, esconde o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria, que não pode ser compreendida por todos. Ele se explica dizendo aos seus apóstolos: “Eu lhes falo por parábolas, porque eles não estão em condições de compreender certas coisas; eles veem, olham, ouvem, mas não entendem. Dizer-lhes tudo, portanto, seria inútil no momento; mas, para vós, eu o digo, porque vos foi dado compreender esses mistérios”. Ele procedia com o povo como se faz com as crianças, cujas ideias ainda não estão desenvolvidas. Dessa maneira ele indica o verdadeiro sentido das palavras: “Não se coloca a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que todos aqueles que entrem possam ver a sua luz”.

Essa sentença não significa que se deve revelar inconsideradamente todas as coisas; todo ensinamento deve ser proporcional à inteligência daquele a quem ele se dirige, visto que há pessoas a quem uma luz muito viva deslumbraria, sem as esclarecer.

Aconteceu com as sociedades o mesmo que com os indivíduos; as gerações têm sua infância; sua juventude e sua idade madura. Cada coisa deve vir no seu tempo, e o grão semeado, fora da estação, não germina. Mas, o que a prudência manda calar momentaneamente deve, cedo ou tarde, ser descoberto, porque, chegados a um certo grau de desenvolvimento, os homens procuram, eles mesmos, a luz viva; a obscuridade lhes é pesada. Tendo Deus lhes dado a inteligência para compreender, e para se guiarem nas coisas da Terra e do céu, eles querem raciocinar sobre sua fé; é então que não se deve colocar a candeia sob o alqueire, visto que, sem a luz da razão, a fé se enfraquece.”

João Batista: chamado o Precursor; filho de Zacarias e Isabel, batizou Jesus e designou-o como o Messias, foi decapitado a mando de Herodes Ântipas no ano 28 ou 29 d.C.

João Evangelista: foi discípulo de João Batista e se tornou um dos primeiros discípulos de Jesus. Era filho de Zebedeu e irmão do Apóstolo Tiago (que foi condenado à morte por Herodes Agripa, no ano 43). É o autor do quarto Evangelho, que tem como objetivo principal, segundo palavras do próprio João, fazer ressaltar a divindade de Cristo, sendo, por essa razão, denominado Evangelho espiritual. Escreveu ainda três Epístolas e o Apocalipse, este por via mediúnica, quando se encontrava exilado na ilha grega de Patmos. João viveu cerca de 100 anos.

Referências:

Bíblia Sagrada;

O Evangelho Segundo O Espiritismo,
Allan Kardec, CELD;

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec,
CELD;

“A Reencarnação na Bíblia”, Hermínio
C. Miranda, Editora Pensamento, São
Paulo. (-PDF Internet)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN KARDEC. O Céu e o Inferno. CELD.

ALLAN KARDEC. O Evangelho Segundo o Espiritismo. CELD.

ALLAN KARDEC. O Livro dos Espíritos. CELD.

FRANCISCO C. XAVIER. O Consolador. FEB.

FRANCISCO C. XAVIER. Pensamento e Vida. FEB.

FRANCISCO C. XAVIER. Vida e Sexo. FEB.

HEMÍNIO C. MIRANDA. Autismo, Uma Leitura Espiritual. LACHÂTRE.

LÉON DENIS. Depois da Morte. CELD.

LÉON DENIS. O Espiritismo e as Forças Radiantes. CELD.

L. PALHANO JR. Dicionário de Filosofia Espírita. CELD.

COLETÂNEA DE ENTREVISTAS COM ESPÍRITOS DIRIGENTES DO CELD. Instruções do Espíritos, vol. V. CELD.

<https://sementesdaboanova.org/wp-content/uploads/2020/12/reformador-2005-01.pdf>

41º Encontro Espírita sobre *O Livro dos Espíritos*

Tema:

Nascer, renascer: progredir!

Filhos,

A pluralidade das existências, como todos os outros temas de "O Livro dos Espíritos", tem origem na noção de que "Deus é a Inteligência Suprema e Causa primeira de todas as coisas", bem como de que "Deus é soberanamente justo e bom".

Sem essa visão, como entender a criação material? Como entender depois a criação do Espírito pelo "Pensamento Divino"? Como entender a ligação do Espírito com a matéria? Como entender que *nada* é estático na Criação e que, "do átomo ao arcanjo, tudo se encadeia, porque este também começou por ser átomo"?

Como entender a evolução espiritual, até a perfeição? Como entender que a sorte dos Espíritos no mundo espiritual está muito além da visão teológica de um Céu e de um Inferno? Como entender que para se chegar à perfeição, precisa-se de uma "eternidade", numa sucessão de idas e vindas ao mundo material?

Sendo assim, Deus possibilita ao Espírito ir evoluindo desde os Mundos Inferiores, passando pelos Mundos de Expição e Provas (tal qual a Terra); depois, Mundos de Regeneração; mais adiante, Mundos Felizes e, mais tarde, Mundos Celestes ou Divinos, onde a força da matéria já deixou de exercer qualquer ação sobre o Espírito.

Ao analisarmos o corpo físico – que é tão bem aparelhado em todas as suas funções celulares, as atividades específicas de cada órgão, a harmonia de cada sistema orgânico –, compreendemos que Deus possibilitou uma moradia muito bem estruturada para o Espírito, que é morador temporário. Essa moradia é tão bem estruturada, porque aquele que nela habita tem um destino grandioso, que é a perfeição. O Criador dá o corpo físico e, conseqüentemente, a reencarnação, como ferramenta para o crescimento espiritual; para que, no final da jornada evolutiva, possa o Espírito dizer: "– Agora eu posso refletir em mim toda a Bondade e a Justiça de Deus; 'eu me fiz', ao longo do tempo, através de múltiplas existências".

Sendo assim, olhemos a reencarnação como um meio com que Deus, pela Lei do Progresso, nos faz caminhar até Ele.

Que o Senhor da Vida a todos abençoe,
Paz,

Victor

(Mensagem psicografada pelo médium Mário Coelho, em 25/01/2025, no CELD-RJ.)